

DANIEL CARNEIRO JOB



8.1311
F383j

2 ex.
2025.751

PRACA DO FERREIRA

O INÉDITO, O SÉRIO E O PITORESCO
Fevereiro-1992

*Para João Carlos Neto
com mais apuro, do
Amilcar, 25-1-1926*

Ao Prefeito

Dr. Juraci Vieira Magalhães

Que, sensível aos apelos de toda a cidade, teve a feliz iniciativa de restaurar a **Praça do Ferreira**, devolvendo-lhe a beleza dos velhos tempos.

À memória de

Suas Majestades **Ponce de Leon e Luizão 49, Reis Momos** do Carnaval Cearense que tanta alegria espalharam na **Praça do Ferreira**.

A

Antônio Martins Filho que, comigo, formamos os últimos sobreviventes do **Banco da Democracia**, homenagem muito afetiva.

À

memória de

Irineu Filho

Codes y Sandoval

Turbay Barreira

Gomes de Matos (**Gomez**)

velhos e diletos companheiros daqueles **Bancos**.

BIBLIOTECA
JUSTINIANO DE SERPA
ACL

Reg. 751 Data 02/08/25

A PRAÇA E O BANCO

Conheci a Praça do Ferreira nos idos de 1918, quando aqui estive pela primeira vez, em companhia do Dr. Teógenes Rocha. Esta, aliás, a primeira aventura de um garoto de quatorze anos, ávido em conhecer a cidade grande, ruas largas e movimentadas que conduziam a praças cheias de árvores, sobrados e edifícios de muitos pavimentos, de onde a gente chegava a ver o mar.

A minha atenção, ao conhecer a Praça, não se deteve nos quiosques nem nos cafés famosos e cheios de gente. Eu desejava, sim, localizar a Tabacaria Castelo, responsável pela perda do meu primeiro emprego de aprendiz de tipógrafo, na "Gazeta do Cariry", da cidade de Crato. Esta história, aliás, já foi narrada no meu livro de Memórias-Menoridade e, por isso, excuso-me de repeti-la.

Dois anos depois - 1920, voltei a ter novo contato com a Praça do Ferreira, quando imprudentemente abandonei a casa dos meus pais, para tentar conseguir uma colocação em Fortaleza. Tudo fracassou completamente e eu teria passado sérias dificuldades se um ex-empregado de meu pai não tivesse me acolhido em sua casa, tornando-se, para mim, verdadeira tábua de salvação.

Decorrido o ano do Centenário da Independência Nacional, em que eu já exercia as funções de caixeiro da firma Lundgren, passei a visitar Fortaleza muito amiúde. Fiz footing na Praça Marquês do Herval, na da Lagoinha e também no Passeio Público, porém a minha preferência sempre se dirigiu para a Praça do Ferreira, que exercia sobre mim atração irresistível.

De 1925 a 1937, passei a residir em Caxias do Maranhão, havendo um interregno de apenas nove meses, em que gerenciei a loja A Pernambucana, na cidade de Picos, Estado do Piauí.

Retornei ao Ceará em abril de 1937, fixando residência na Capital do Estado. Inicialmente, enfrentei muitas dificuldades, em virtude da precariedade do meu estado de saúde, naquela época bastante abalado. Havia, ainda, a responsabilidade de chefe de família: mulher e mais cinco filhos menores, todos maranhenses.

Mas, eu vim para ficar e em Fortaleza plantar raízes, embora que lutando para conquistar espaço e, por último, conseguir um lugar ao sol. Reavivei velhas amizades e fiz novos amigos que facilitaram o meu rápido relacionamento com pessoas atuantes no magistério, na advocacia e no meio social em que, gradativamente, consegui integrar-me.

A essa época passei a freqüentar o Café Globo, situado numa das esquinas da Praça do Ferreira. Ali, em companhia do meu velho amigo Romeu Martins, aproximei-me de Thompson Soares Bulcão, Silveira Marinho, João de Deus Cavalcante, Antônio Botelho Filho e outras pessoas já muito bem situadas em suas respectivas profissões. Vez por outra a nossa roda era visitada por nomes famosos

*Para João Carlos Neto
com mais apelo, do
Amilcar, 25-1-1926*

Ao Prefeito

Dr. Juraci Vieira Magalhães

Que, sensível aos apelos de toda a cidade, teve a feliz iniciativa de restaurar a **Praça do Ferreira**, devolvendo-lhe a beleza dos velhos tempos.

À memória de

Suas Majestades **Ponce de Leon e Luizão 49, Reis Momos** do Carnaval Cearense que tanta alegria espalharam na **Praça do Ferreira**.

A

Antônio Martins Filho que, comigo, formamos os últimos sobreviventes do **Banco da Democracia**, homenagem muito afetiva.

À

memória de

Irineu Filho

Codes y Sandoval

Turbay Barreira

Gomes de Matos (**Gomez**)

velhos e diletos companheiros
daqueles **Bancos**.

BIBLIOTECA
JUSTINIANO DE SERPA
ACL

Reg. 751 Data 02/08/25

A PRAÇA E O BANCO

Conheci a Praça do Ferreira nos idos de 1918, quando aqui estive pela primeira vez, em companhia do Dr. Teógenes Rocha. Esta, aliás, a primeira aventura de um garoto de quatorze anos, ávido em conhecer a cidade grande, ruas largas e movimentadas que conduziam a praças cheias de árvores, sobrados e edifícios de muitos pavimentos, de onde a gente chegava a ver o mar.

A minha atenção, ao conhecer a Praça, não se deteve nos quiosques nem nos cafés famosos e cheios de gente. Eu desejava, sim, localizar a Tabacaria Castelo, responsável pela perda do meu primeiro emprego de aprendiz de tipógrafo, na "Gazeta do Cariry", da cidade de Crato. Esta história, aliás, já foi narrada no meu livro de Memórias-Menoridade e, por isso, excuso-me de repeti-la.

Dois anos depois - 1920, voltei a ter novo contato com a Praça do Ferreira, quando imprudentemente abandonei a casa dos meus pais, para tentar conseguir uma colocação em Fortaleza. Tudo fracassou completamente e eu teria passado sérias dificuldades se um ex-empregado de meu pai não tivesse me acolhido em sua casa, tornando-se, para mim, verdadeira tábua de salvação.

Decorrido o ano do Centenário da Independência Nacional, em que eu já exercia as funções de caixeiro da firma Lundgren, passei a visitar Fortaleza muito amiúde. Fiz footing na Praça Marquês do Herval, na da Lagoinha e também no Passeio Público, porém a minha preferência sempre se dirigiu para a Praça do Ferreira, que exercia sobre mim atração irresistível.

De 1925 a 1937, passei a residir em Caxias do Maranhão, havendo um interregno de apenas nove meses, em que gerenciei a loja A Pernambucana, na cidade de Picos, Estado do Piauí.

Retornei ao Ceará em abril de 1937, fixando residência na Capital do Estado. Inicialmente, enfrentei muitas dificuldades, em virtude da precariedade do meu estado de saúde, naquela época bastante abalado. Havia, ainda, a responsabilidade de chefe de família: mulher e mais cinco filhos menores, todos maranhenses.

Mas, eu vim para ficar e em Fortaleza plantar raízes, embora que lutando para conquistar espaço e, por último, conseguir um lugar ao sol. Reavivei velhas amizades e fiz novos amigos que facilitaram o meu rápido relacionamento com pessoas atuantes no magistério, na advocacia e no meio social em que, gradativamente, consegui integrar-me.

A essa época passei a freqüentar o Café Globo, situado numa das esquinas da Praça do Ferreira. Ali, em companhia do meu velho amigo Romeu Martins, aproximei-me de Thompson Soares Bulcão, Silveira Marinho, João de Deus Cavalcante, Antônio Botelho Filho e outras pessoas já muito bem situadas em suas respectivas profissões. Vez por outra a nossa roda era visitada por nomes famosos

na intelectualidade cearense, entre eles Leonardo Mota e Quintino Cunha.

A despeito da atração que o Café Globo passou a exercer sobre mim, observei que estava perdendo tempo nos expedientes da manhã e da tarde e a minha situação econômica não me permitia este luxo. Cada um dos meus colegas de roda possuía base sólida: proprietário de cartório, auditor da Polícia Militar, advogados e também médicos famosos, como era o caso do Dr. Pedro Sampaio.

Passei a preocupar-me e fui abandonando o Café Globo, exatamente quando o meu amigo Dr. Antônio Belo da Mota procurou-me aproximando-me de um Banco freqüentado por pessoas muito interessantes, ou seja - O Banco da Democracia, de que ele, Belo da Mota, era integrante.

A história dos Bancos formados na Praça do Ferreira oferece material para alentada monografia e, portanto, transcende os limites deste registro.

O mais afamado, a que Demócrito Rocha denominou de Banco de Opinião Pública, era composto de personalidades de alta projeção, e pelo que nunca me interessou freqüentá-lo.

Havia ainda o Outro Banco, menos radical, porém cheio de reservas quanto às novas pessoas que dele se aproximavam.

Já o Banco da Democracia fazia jus a este nome. Além dos fundadores e dos vitalícios, que chegaram a ser dezoito, ainda existiam os sócios adventícios e os pára-quedaistas.

A figura central do Banco da Democracia - o poeta Irineu Filho, assumia as funções de Presidente. Chegava ao Banco às 19:00 horas, mas ali já encontrava um outro sócio - o repórter Daniel Carneiro Job, que praticamente morava na Praça do Ferreira. Lá para as 20:00 horas a freqüência aumentava sensivelmente, com as presenças de Clodoaldo Pinto, Carlos Braga, A. Batista Fontenele, Josafá Linhares, Emílio Lobo, Guilherme Sátiro Rabelo, Fidélis Silva, Aderbal Pamplona, Cruz Filho e vários outros. O sócio que polarizava as nossas atenções era o professor Raimundo Gomes de Matos. Certa vez correu pelo interior do Estado a notícia de que o Gomez teria falecido. Seu amigo Otávio Frota escreveu para Fortaleza, indagando sobre se aquele boato teria fundamento. Gomes de Matos, com a verve que lhe era peculiar, mostrou-nos cópia de um telegrama enviado ao seu amigo, dizendo assim: "Estou vivo. Mande o queijo".

Quando o poeta e professor Beni Carvalho assumiu o cargo de interventor Federal no Estado do Ceará, Gomes de Matos exerceu a titularidade de uma das Secretarias de Estado. Foi uma época movimentadíssima, inclusive no Banco, onde foram redigidos muitos decretos, concedendo subvenções ou resolvendo problemas de auxílios a determinadas instituições de caridade, sendo que nos dias subseqüentes os atos saíam no Diário Oficial do Estado.

Na verdade, enquanto o Doutor Francisco de Menezes Pimentel, depois de onze anos de Governo, conseguiu economizar cerca de 30 milhões de cruzeiros, soma avultadíssima naquela época, o Interventor Beni Carvalho, num período de dois meses e sete dias, aplicou a quase totalidade das reservas do Tesouro Estadual, convencido de que ao Estado não compete a preocupação de armazenar o dinheiro arrecadado do povo e, sim, aplicá-lo com justiça, para atender às necessidades coletivas.

Eleito Beni Carvalho como Deputado Federal, do Rio de Janeiro, mandou muitas cartas ao seu ex-Secretário, sendo que a última em linguagem um pouco forte, reclamando a falta de respostas.

No Banco da Democracia o professor Gomes de Matos leu, para todos nós, cópia do despacho telegráfico enviado ao Deputado Beni Carvalho, do teor seguinte: "Ainda cansado de assinar decretos em seu Governo, estou restaurando forças a fim de responder as suas cartas".

Agora, mais de meio século depois das ocorrências, ora focalizadas, o meu amigo Daniel Carneiro Job, em linguagem informal e apenas narrativa, resolveu publicar um livro, sob o título de Praça do Ferreira - O Inédito, o Sério e o Pitoresco.

Daniel e eu somos os últimos sobreviventes do Banco da Democracia, que aos poucos foi se desagregando, com o desaparecimento dos seus componentes.

Por último, até a própria Praça do Ferreira, com a fisionomia que tanto nos encantava, desapareceu completamente, na voragem da reforma absurda, que desvirtuou sua fisionomia característica.

Daniel Carneiro Job, muito mais antigo do que eu como sócio do Banco, dispõe de excelente documentário; viveu os fatos que narra. Possui conhecimentos aprofundados da história da Praça do Ferreira e, particularmente, do Banco da Democracia, a que nós ambos pertencíamos.

Praça do Ferreira - O Inédito, o Sério e o Pitoresco, ora lançado à publicidade, pelo jornalista Daniel Carneiro Job, reviverá episódios e narrará fatos que irão servir de valiosos subsídios para os estudiosos da nossa tradicional Praça do Ferreira, que ontem, hoje e amanhã será, incontestavelmente, o coração desta cidade de Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção.

Antônio Martins Filho

APRESENTAÇÃO

Muito se tem escrito sobre a Praça do Ferreira. Realmente, não poderia ser o contrário, pois a Praça ficou conhecida, durante muitos anos, como o espelho, a síntese da vida da cidade.

Na qualidade de pesquisador da vida da nossa Capital e de todo o Estado, enriquecido que fui por uma memória realmente privilegiada, não poderia fugir à tentação de escrever sobre a Praça. Fui e continuo sendo seu freqüentador. Embora sem o esplendor e até mesmo a beleza do passado, a Praça permanece como uma espécie de ressonância da alma do povo fortalezense.

Desde os 15 anos, ou seja, a partir da década de 30, freqüento a Praça do Ferreira.

Vivi plenamente na sua febricitante atividade. Freqüentei todos os seus afamados restaurantes e seus bares de elite e populares. Como bom cearense, fui assíduo no Bar Majestic, cujo garçom, o célebre "Seu João", continua um memorial da verve e da singularidade dos boêmios de Fortaleza. Lembro-me, como se fora hoje, dos vales dependurados com o Seu João e que eu os resgatava pontualmente todos os sábados.

Os grandes acontecimentos, inclusive os nacionais, como a Revolução de 1930 e a Revolução de São Paulo, eu os acompanhei da Praça do Ferreira. Ela era a informação segura, por vezes, paradoxalmente, mordaz.

De tudo a Praça participava. Da Guerra Mundial, por exemplo. Dia e noite, ali se discutiam as batalhas, os planos, os prognósticos, sem falar no debate aceso entre aliados e germanófilos que, infelizmente, os havia.

Mas a Praça não foi apenas política. A Praça foi tudo. Reuniões, comícios, passeatas, carnaval, tragédias, atentados, agressões, crimes de morte. E foi alegria. Foi José Levy. Foram as passeatas de alunos do Liceu, foram as improvisações surgidas a qualquer pretexto. E talvez, eu mais precisamente, pudesse dizer que a alma da Praça foram os seus bancos.

Havia, particularmente, à noite, os bancos que se distinguiam um dos outros da cidade, com as características próprias e marcantes. Bancos de políticos, comerciantes, comerciários, estudantes, intelectuais, poetas, jornalistas, e até mesmo o conhecido banco dos comunistas, não obstante a repressão policial.

Participei de dois desses bancos, sem dúvida, os mais célebres da sua época: o Banco da Democracia e o Banco Que Não Teve Nome.

Juntamente com o Banco de Opinião Pública, foram eles os mais célebres da cidade.

Dos dois por mim freqüentados, fiz questão de registrá-los neste livro para que a História, os memorialistas os perpetuassem através do tempo.

De ambos, publico fotografias de seus freqüentadores, pois, visando sempre a perpetuação da História, tive, em boa hora, a idéia de documentar esse tão precioso acervo da vida da nossa Capital.

Este livro não é apenas meu. Pertence a diversos amigos que, sabedores do meu carinho por tudo o que vi e vivi na Praça, e de boa memória, me aconselharam a organizá-lo, entregando-o para deleite e pesquisa de saudosistas e estudiosos. Não procurei originalidade. Tudo o que nele se contém é real. Apenas evitei, ao máximo, registrar fatos ou episódios já conhecidos. A grande maioria do que nele se contém é inédito. Jamais foi mencionado em livro.

E verdade que alguma coisa é sabida pelos que me lêem. É que eles também guardam na lembrança os fatos que testemunhei, embora com outros detalhes e versão própria.

Mas em torno do Art-Nouveau, da Rotisserie, do Majestic, do Coreto, da Coluna da Hora, do Restaurante Frota, da Confeitaria Crystal, do Clube Iracema, há muitos detalhes novos e que agora saem do ineditismo, graças à minha memória, modéstia à parte.

Entrego, pois, este pequeno livro ao julgamento dos que amam a Praça do Ferreira, que são todos os cearenses.

Daniel Carneiro Job

INDICE

PREFÁCIO	01
APRESENTAÇÃO	04
CAPÍTULO 1	
PALACETE CEARÁ - Um Pedaco Vivo da História da Cidade	08
Baile de Posse do Presidente Matos Peixoto	09
A Coroação de Sua Majestade Ponce de Leon, Rei	
Momo, 1º e Único	11
Recepção de Getúlio Vargas no Clube Iracema	11
José Levy Lança Sua Candidatura a Deputado	12
Homenagem à Caravana Democrática	12
Banquete a Batista Luzardo	13
Demócrito Anuncia a Vitória da Revolução de 1930, no Ceará	13
CAPÍTULO 2	
ART-NOUVEAU - Quartel General dos Políticos da	
Década de 1920	23
CAPÍTULO 3	
O CINE-TEATRO MAJESTIC E SEU FAMOSO BAR - Palco de	
Alegria da Boêmia da Cidade	28
CAPÍTULO 4	
OS CELEBRES BANCOS DA PRAÇA DO FERREIRA	32
Banco da Opinião Pública	32
Banco da Democracia	34
O Banco Que Não Teve Nome	36
CAPÍTULO 5	
PENSÃO DE AMÉLIA CAMPOS - Prostíbulo Frequêntado	
Pela Alta Sociedade	39
CAPÍTULO 6	
ABRIGO CENTRAL - Um Monstrergo Que Deixou Saudade	42
CAPÍTULO 7	
O SOL E UM DEFUNTO VAIADOS NA PRAÇA DO FERREIRA	45
CAPÍTULO 8	
CORETO DA PRAÇA DO FERREIRA - Tribuna Popular dos	
Grandes Acontecimentos	49
CAPÍTULO 9	
A COLUNA DA HORA - Substitui o Coreto	52

CAPÍTULO 10	
A CHACINA INTEGRALISTA - Uma Noite de Pânico e Terror	57
CAPÍTULO 11	
PRAÇA DO FERREIRA - A Entrega da Chave Simbólica da Cidade a Luizão	49
CAPÍTULO 12	
CONFEITARIA CRYSTAL - A Prisãc do Professor Manuel Leiria de Andrade	66
CAPÍTULO 13	
AGRESSÃO AO JORNALISTA DEMÓCRITO ROCHA	
Os Oficiais da Polfcia que Promoveram a Façanha se Fotografaramno Photo Salles	69
CAPÍTULO 14	
RESTAURANTE FROTA - Um Episódio de Severidade Inexplicável nos Dias de Hoje	71
CAPÍTULO 15	
UM EDIFÍCIO HISTÓRICO - O Prédio da Velha Intendência	73
CAPÍTULO 16	
OS IRMÃOS EMÍDIO - Na Praça do Ferreira Nasceram os Irmãos Emídio	76
CAPÍTULO 17	
FILHO DE MANÉ ONÇA - Não Leva Desaforo Para Casa	79
CAPÍTULO 18	
O BROMIL - Cearense	81
CAPÍTULO 19	
RACHEL DE QUEIRCZ - Candidata a Deputada Estadual	83
CAPÍTULO 20	
A AGÊNCIA DE REVISTAS E JORNAIS DE JOSÉ EDÉSIO	
Um Aprazível Recanto de Inteligência e Cultura	85
CAPÍTULO 21	
CRÔNICA DE DEMÓCRITO ROCHA - Verdadeiramente Antológica	86
CAPÍTULO 22	
A REINAUGURAÇÃO DA PRAÇA DO FERREIRA	89

CAPÍTULO 1

Palacete Ceará — Um pedaço vivo da história da cidade

O Palacete Ceará foi palco de muitos acontecimentos históricos, uma vez que se tornou o centro de convergência de personalidades dos círculos comerciais, políticos, intelectuais, bem como da boêmia da cidade.

Os mais importantes acontecimentos da cidade ocorreram no seu andar térreo onde se sediava a Rotisserie, famosa casa de chá, restaurante e bar das décadas de 20 e 30. No segundo andar se situava o Clube Iracema, o mais aristocrático da cidade, onde se divertia a fina flor da sociedade cearense e reduto inexpugnável do carnaval.

No dia 08 de junho de 1982, foi destruído por devastador incêndio, salvando-se somente sua estrutura de alvenaria. Nesse tempo já funcionava ali a Caixa Econômica Federal. O então Presidente Nacional Gil Macieira, atendendo aos apelos que lhe foram dirigidos, mandou reconstruir o Palacete Ceará, restabelecendo a sua antiga estrutura e as suas primitivas linhas arquitetônicas.

Como salientei no título, o Palacete Ceará é, realmente, um pedaço vivo da História de nossa cidade, consoante demonstrarei a seguir ao registrar sete acontecimentos que ali se realizaram. Alguns são solenes, outros pitorescos.

1. O baile do Clube Iracema comemorativo da posse do Presidente José Carlos de Matos Peixoto, no dia 12 de julho de 1928.
2. A coroação de Sua Majestade Ponce de Leon, Rei Momo, Primeiro e Único, do Clube Iracema e, posteriormente, do Carnaval Cearense.
3. Homenagem da Associação Cearense de Imprensa ao Presidente Getúlio Vargas, no primeiro andar do Clube Iracema.
4. José Levy, conhecido tipo popular da Capital, lança a sua candidatura a Deputado Federal.
5. Homenagem à Caravana Democrática, chefiada por Assis Brasil que veio assistir ao lançamento da candidatura do conhecido Tribuno Maurício de Lacerda a Deputado Federal.
6. Homenagem a Batista Luzardo e sua caravana que percorria o Nordeste em propaganda da Aliança Liberal.
7. Demócrito Rocha anuncia, em absoluta primeira mão, a vitória da Revolução de 1930, no Ceará.

Como se vê, esses sete acontecimentos seriam suficientes para demonstrar a importância do Palacete Ceará na vida de Fortaleza.

Baile de Posse do Presidente Matos Peixoto

No dia 12 de julho de 1928, tomava posse na Presidência do Estado o Dr. José Carlos de Matos Peixoto. Da vasta programação comemorativa do acontecimento, destacou-se o grande baile de gala oferecido pelo Clube Iracema àquele Presidente.

Às 23:00 horas daquele dia, o Presidente recém-empossado dava entrada nos salões do Clube, feericamente iluminados, pela Rua Guilherme Rocha, acompanhado de grande comitiva. A banda de música da Polícia Militar, na calçada em frente, executava o Hino do Ceará, enquanto do alto do edifício, caía uma chuva de papel picado, sob os aplausos dos que se postavam no Clube. O grande baile prolongou-se até às 05:00 da manhã onde o champagne correu solto.

Durante o seu mandato, que durou de 12 de julho de 1928 a 08 de outubro de 1930, interrompido com a sua deposição pela Revolução de 1930, Matos Peixoto ficaria conhecido como exímio dançarino.

Logo que assumiu o Governo o novo Presidente instituiria a curiosa praxe de realizar às quintas-feiras, nos salões do Palácio da Luz, o famoso Baile dos Maravilhas (maravilhas eram os puxa-sacos dos nossos dias) que sempre atraía um sereno de milhares de curiosos, ávidos para ver o Presidente rodopiando e exibindo os seus pendoros de dançarino.

O Presidente Matos Peixoto não se contentava apenas com esses bailes quintas-ferinos. Aos sábados freqüentava as tertúlias dançantes do Clube Iracema, que ficava a cem metros do Palácio da Luz, sempre acompanhado do seu séquito de Maravilhas. E não era só. Freqüentava vez por outra, às segundas-feiras, o palacete residencial do Cel. Adolfo Siqueira, na Rua Agapito dos Santos, esquina com Rua Liberato Barroso, onde, ao som de uma eletrola, dançava até a madrugada.

Garoto de 13 anos, morando na Rua Padre Mororó, entre ruas Liberato Barroso e São Bernardo, hoje Rua Pedro Pereira, tornei-me freqüentador assíduo do sereno daquelas tertúlias.

A verdade é que onde estivesse o Presidente Matos Peixoto, deveria haver dança. Certa vez, acordei muito cedo para levar à estação de Otávio Bonfim uma encomenda para ser entregue ao comerciante Benjamin Frutuoso. Chegando à estação, estranhei o inusitado número de pessoas que ali se aglomeravam. Curioso, aproximei-me. Indagando o motivo da reunião de tanta gente, soube, então, que se aguardava a passagem do trem especial, conduzindo o Presidente Matos Peixoto para Baturité, onde deveria inaugurar naquela cidade importante melhoramento. Eram precisamente 08:00 horas da manhã.

De repente, ouvimos o melodioso apito da Maria Fumaça que se aproximava da estação de Otávio Bonfim. À frente da máquina,

o vagão de luxo, avarandado e espaçoso, em forma de salão. Nesse salão, destacava-se a figura do Presidente Matos Peixoto, com seu pice-nez reluzente, dançando galantemente, ao som de uma eletrola. Como gostava de dançar o Presidente! Aliás, a imprensa de então malhava o Presidente por essa sua singularidade.

O jornalista Agostinho de Paula Viana, que dirigia um pequeno semanário, O Combate, não confundir com os dois jornais do mesmo nome, aparecidos depois, o primeiro de Moésia Rolim e o segundo de Vieira Monte. Agostinho transcrevera no seu jornal uma nota do Correio da Manhã do Rio de Janeiro, com o título de "O Presidente que Dança". Ao distribuir o seu jornal, na Praça do Ferreira, Agostinho Viana foi preso por dois belequins e levado para a Delegacia do 2º Distrito, que ficava na Rua Coronel Bezerril, nos fundos do Palacete Ceará. Ali chegando, o Delegado Major Alfredo Weyne transformava o artigo em bolinhas para que o jornalista as engolissem.

Ao tomar conhecimento daquela violência, o jornalista e teatrólogo Renato Viana, que se encontrava na Confeitaria Glória, correu à Delegacia, conseguindo sustar a arbitrariedade daquele Delegado, libertando o jornalista.

A verdade é que os jornais não poupavam o Presidente Matos Peixoto pela psicose de dançarino.

Um episódio mostra bem claramente essa psicose. Por ocasião do grande Comício da Caravana da Aliança Liberal, chefiada pelo Deputado Augusto de Lima, na Praça dos Voluntários, no dia 02 de fevereiro de 1930, a população assistiu a um dos atos de maior violência da polícia do Sr. Matos Peixoto. O comício foi dissolvido a patas de cavalo no momento em que falava o vibrante Tribuno Alcides Carneiro, que assim iniciou o seu discurso:

"Cearenses, trago-vos um recado de João Pessoa: quando o braço do déspota que vos amesquinha cair sobre vossas cabeças, ide para a Paraíba que ele vos receberá de braços abertos".

No dia seguinte, 03 de fevereiro de 1930, o jornal A Reação, dirigido por Américo Palha, trazia a seguinte manchete:

"Depois de mandar espalderar o povo a pata de cavalos, o Sr. Matos Peixoto zomba do sangue cearense derramado, dançando nos salões do Clube Iracema".

A eterna dança do Presidente!

Voltando ao Presidente Matos Peixoto, podemos dizer que não era ele apenas um exímio dançarino. Era, também, um folião. No Carnaval de 1929, o Presidente desfilava no corso que percorria o quadrilátero do trecho compreendido pelas Ruas Senador Alencar, Pedro I, Major Facundo e Floriano Peixoto.

Ao passar em frente à Rotisserie, o carro aberto, Willys Overland, que conduzia o Presidente de pé e sua esposa, D. Violeta, vestida de vermelho, foi atacado pelo Bloco dos Tabajaras, do Clube Iracema, travando-se uma renhida batalha de serpentina entre o "governo"

e os foliões. Dois quarteirões antes, ou seja, no Palacete Frota, na Rua Floriano Peixoto, esquina com Pedro Pereira, já se havia travado outra batalha de confete e serpentina entre o Presidente e os moradores do referido Palacete, onde moravam as irmãs Frota.

Tamanho foi o embate que foi necessário que o Inspetor de Trânsito, o então Tenente Porffrio de Lima Filho, convocasse vários guardas para desobstruir a via pública coberta por quase um metro de serpentina. Anote-se que atrás do carro presidencial vinha outro automóvel cheio de serpentina e confete para reforço das investidas do Presidente e sua esposa D. Violeta, na renhida batalha.

O curso, nesse tempo, começava às 04:00 horas da tarde e era aberto pelo Willys Overland conduzindo o Presidente. Como era gozador o Presidente Matos Peixoto !

A Coroação de Sua Majestade Ponce de Leon, Rei Momo, 1: e Único

No Carnaval de 1935, Ponce de Leon foi coroado Rei Momo do Clube Iracema, em monumental baile carnavalesco denominado Uma Noite no Inferno. Ponce de Leon, que era solteiro e morava na Pensão São Francisco (São Paulo com Senador Pompeu), de lá foi levado pelos sócios do Clube Iracema, às 23:00 horas, ao som do hino do clube: Sou Tabajara, e recebido triunfalmente nas escadarias e sacadas, sob uma chuva de confete e serpentina.

Em 1937, dois anos depois, eu que freqüentava o Clube Iracema, resolvi transformar Ponce de Leon em Rei Momo do Carnaval Cearense, para o que contei com a colaboração do Dr. Odorico de Moraes, Vice-Presidente do Clube. Por iniciativa do Dr. Odorico ganhei o título de o Profeta da Cova e as funções de Secretário Real, cargo e função que desempenharia, inclusive, depois da deposição de Ponce de Leon, em 1949, pois continuaria a exercê-las no Reinado de Luizão, de 1949 até 1953, quando abandonei o Carnaval de Fortaleza, passando a participar dos carnavais do Rio de Janeiro.

Recepção de Getúlio Vargas no Clube Iracema

O Clube Iracema, instalado no 1º andar do Palacete Ceará, onde também funcionava a Associação Cearense de Imprensa, em 1933, homenageava com uma sessão solene o Presidente Getúlio Vargas, que chegava na véspera, vindo de Pernambuco e Paraíba, pelo interior do Ceará, em trem especial da RVC. Saudou o Presidente o jornalista Kerginaldo Cavalcanti, Presidente da ACI, ocorrendo então um incidente pitoresco que aqui registro face ao meu gosto pelas minudências. Na hora do brinde, o atrito das taças de champagne fez derramar um pouco de champagne que molhou o jaquetão do homenageado. Kerginaldo, nervoso, imediatamente, tirou o lenço e tentou enxugar o local molhado, fazendo-o sob o riso e o olhar irreverente de Getúlio Vargas...

José Levy Lança Sua Candidatura a Deputado

No dia 22 de janeiro de 1929, José Levy, simpática figura popular que toda a Fortaleza conheceu, vestindo um fraque, penetra na Rotisserie, às 05:30 horas da tarde daquele dia, com o jornal O Ceará na mão.

Frequêntador habitual daquele ambiente, José Levy foi recebido com estrondosa salva de palmas, enquanto a orquestra tocava a abertura da Afda, de Verdi. Empolgado, Levy subiu na mesa em que se encontrava e pronuncia veemente discurso, lançando a sua candidatura a Deputado Federal. Prometeu, se eleito fosse, meter na cadeia "os ladrões da Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas", hoje Departamento Nacional de Obras Contra as Secas - DNOCS.

Em seguida, fez a leitura da nota que O Ceará publicava, denunciando o desvio de mais de mil contos de réis feito na IFOCS, mediante o enxerto de nomes de trabalhadores fictícios, os alistados em obras públicas.

Homenagem à Caravana Democrática

No dia 05 de agosto de 1928, chegava a Fortaleza a Caravana Democrática chefiada por Assis Brasil, a fim de assistir ao lançamento da candidatura de Maurício Lacerda a Deputado Federal. Maurício Lacerda lançava-se como opositor de Moreirinha, que renunciara o governo do Estado há três meses e se tornara oficial à mesma vaga pelo situacionismo local.

Da Caravana Democrática, chefiada por Assis Brasil, faziam parte Maurício de Lacerda, Nereu Ramos, Simões Lopes Filho e Dante Delmonte.

Na noite daquele dia houve um grande banquete na Rotisserie, em homenagem aos caravaneiros, quando falaram vários oradores, destacando-se Fernandes Távora, Demócrito Rocha e Maurício de Lacerda.

No dia seguinte, 06 de agosto, no Teatro José de Alencar realizou-se uma grande concentração popular para o grande evento. Maurício de Lacerda fez empolgante discurso. Atacando o governo Moreirinha, a certa altura, perguntou à multidão:

"- Com que comparais a figura de Moreirinha ?

Demócrito responde em nome do povo:

- Com um mucuim... (pequeno inseto cuja picada arde muito e provoca pruridos).

Maurício responde:

- Mucuim, não. Moreirinha é um verme que se esmaga sob os pés do homem".

O Teatro só faltou desabar tamanhos eram os aplausos estrepitosos da multidão delirante.

Banquete a Batista Luzardo

No dia 14 de fevereiro de 1930, chegava a Fortaleza a Caravana da Aliança Liberal, chefiada por Batista Luzardo, em campanha pró-candidaturas de Getúlio Vargas e João Pessoa. Além de Luzardo, dela faziam parte Raul Bittencourt, Gustavo Capanema, Cônego Marcos Pena, Paulo Duarte, Cônego Matias Freire, José Abreu, Paulo Motta Lima, Manuel Gonçalves e Henrique Figueiredo, os últimos quatro, jornalistas.

O banquete realizou-se à noite do dia seguinte, 15 de fevereiro, no Salão da Rotisserie, sendo saudados os caravaneiros pelo Dr. Fernandes Távora, e em resposta agradecendo a homenagem o Cônego Marcos Pena, que terminou sua alocução com a frase:

“Venceremos pelas urnas ou pelas armas, e haveremos de expulsar o ‘Cavanhaque do Catete’ ”,
referindo-se a Washington Luiz.

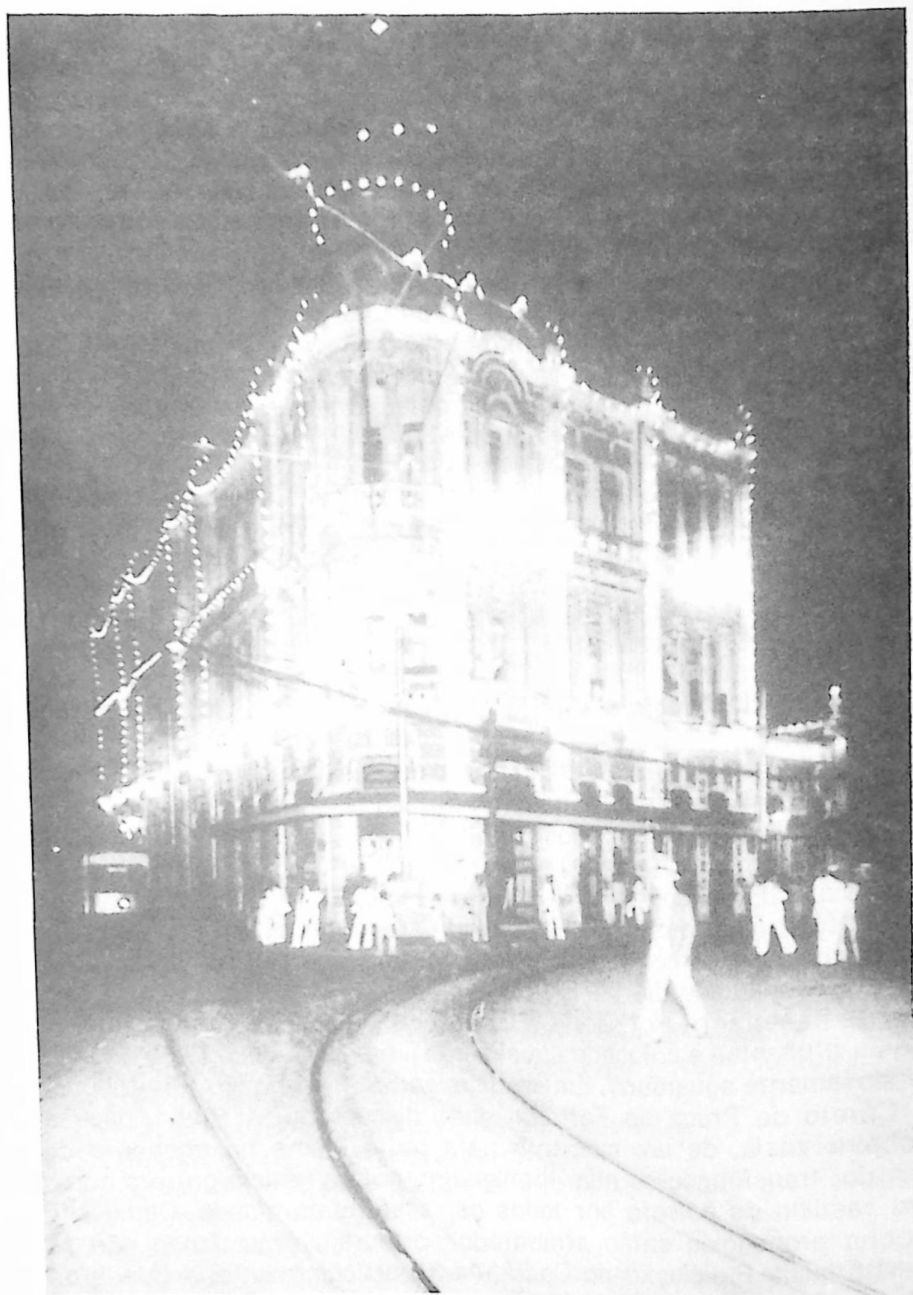
Com efeito, Washington Luiz foi deposto pelas armas no dia 24 de outubro com a Revolução de 1930.

Demócrito Anuncia a Vitória da Revolução de 1930, no Ceará

Demócrito Rocha, que não se deixou apanhar pela malha policial de Matos Peixoto, na qual caíram Fernandes Távora, José de Borba, Paes de Castro, Alfeu Aboim, Luiz Brígido e outros, ocultando-se na casa de seu concunhado Francisco Furtado de Mendonça, na Rua Major Facundo, a 100 metros da redação de O POVO, saiu de seu refúgio com destino à Rotisserie para anunciar em primeira mão a vitória do movimento revolucionário. Isto ocorreu às 08:30 horas da manhã daquele dia.

Ao penetrar na Rotisserie, o Diretor de O POVO foi logo aclamado pelos presentes e colocado em cima de uma mesa, onde fez o anúncio ansiosamente aguardado. Em seguida, carregaram-no em triunfo, para o Coreto da Praça do Ferreira, onde discursaria. A Praça, que se achava vazia, de um momento para outro, como na enchente de um rio, transformou-se num formigueiro, pois a notícia corria como um rastilho de pólvora por todos os recantos da cidade. Demócrito Rocha pronunciou então arrebatador discurso, anunciando não só a vitória da Revolução no Ceará, mas, particularmente, a queda de Matos Peixoto. Foram estas suas primeiras palavras:

“Como um tubo de matéria fecal jogada ao monturo, caiu o governo podre que infelicitava o Ceará”



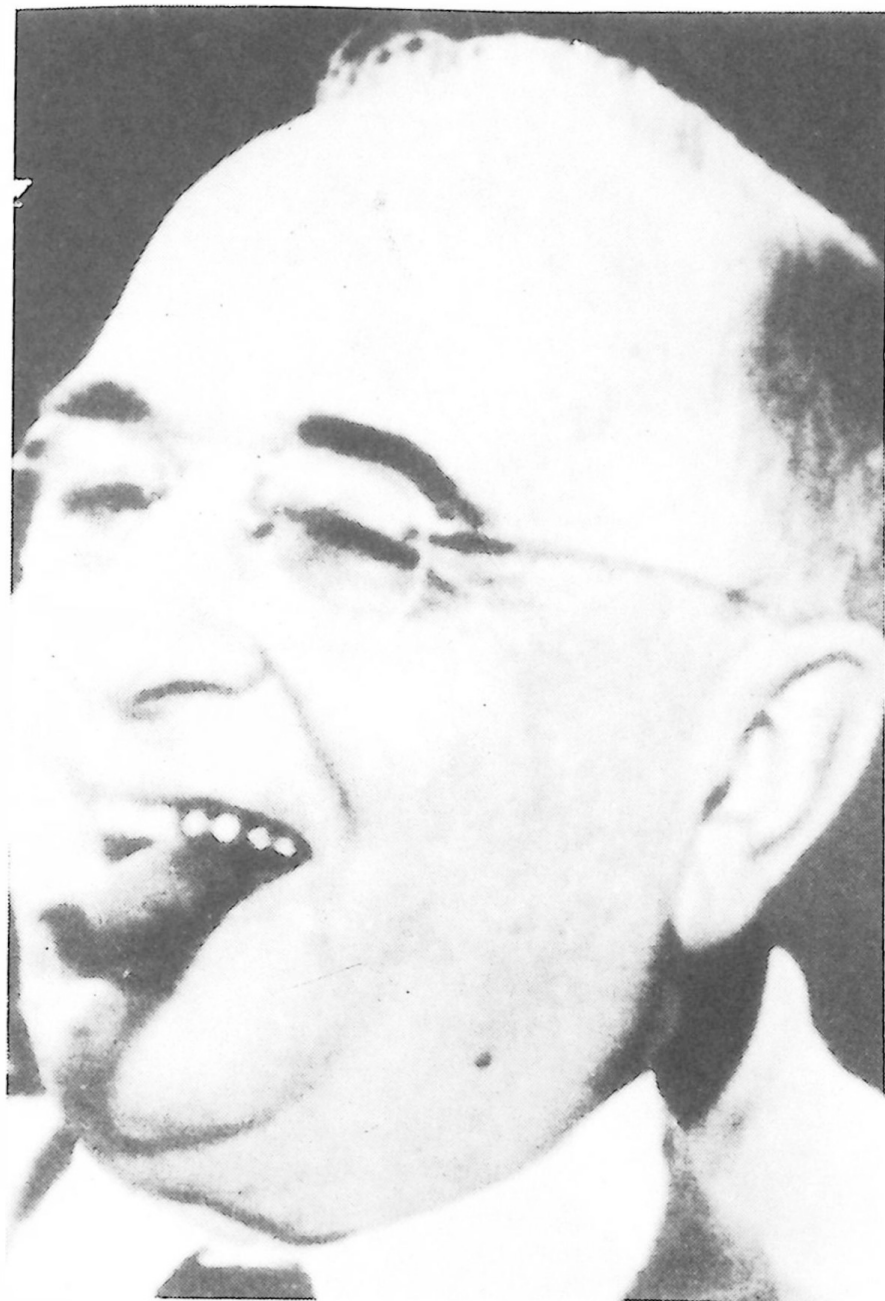
Palacete Ceará, feericamente iluminado, na noite de 7 de setembro de 1922, em comemoração ao Centenário da Independência.



O Presidente José Carlos de Matos Peixoto, que governou o Ceará de 12 de julho de 1928 a 08 de outubro de 1930, quando foi deposto pela Revolução.



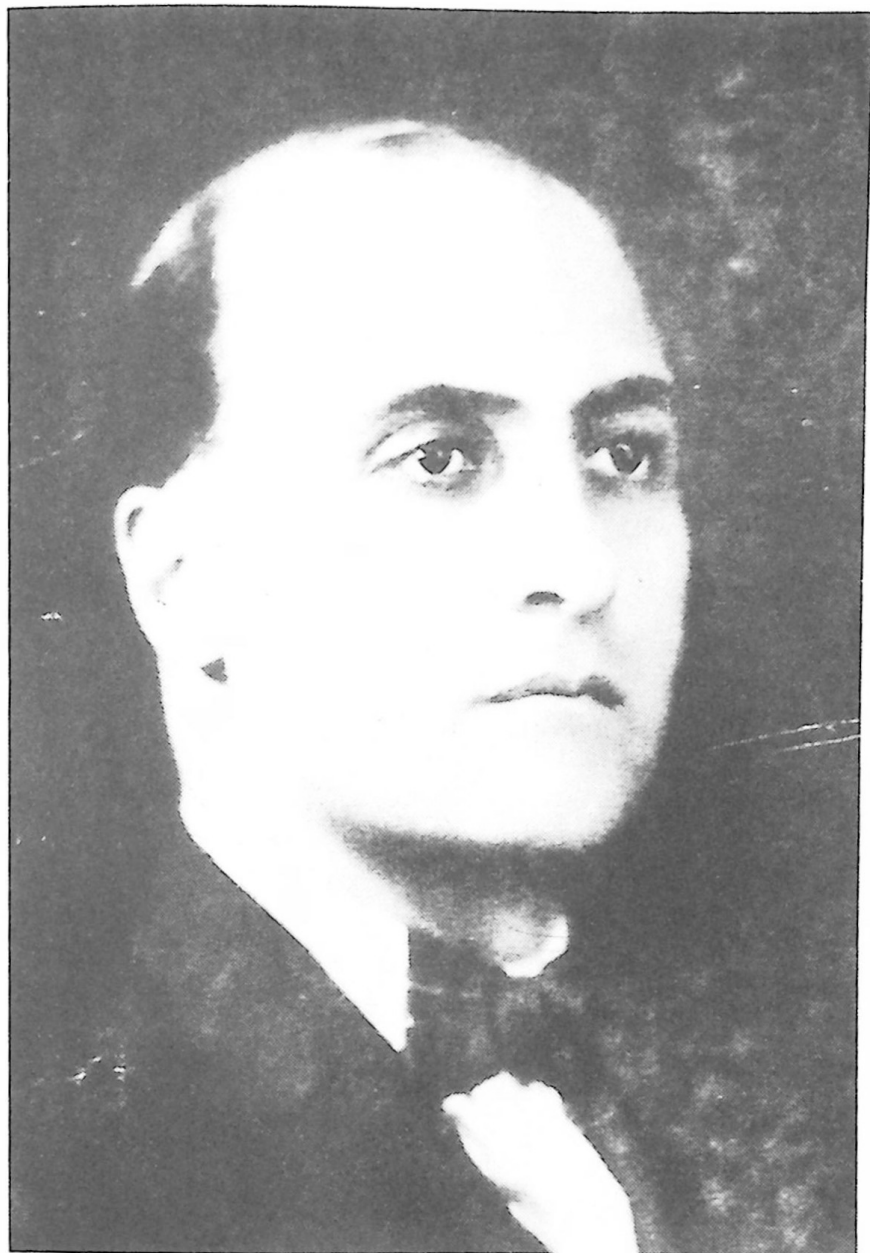
Ponce de Leon, Rei Momo do Carnaval Cearense, recebe das mãos do então Prefeito Clóvis de Alencar Matos, a Chave Simbólica da Cidade (fevereiro de 1947). Vê-se, ao lado o Secretário Real, Profeta da Cova, jornalista Daniel Carneiro Job.



O Presidente Getúlio Vargas, homenageado pela Associação Cearense de Imprensa, em 1933, em sessão solene no Clube Iracema.



José Levy, dedo em riste, lança sua candidatura a Deputado Federal, na Rotisserie, na tarde de 22 de janeiro de 1929.



Maurício de Lacerda teve a sua candidatura a Deputado Federal lançada contra a de Moreirinha no dia 06 de agosto de 1928, e foi homenageado com um banquete na véspera, na Rotisserie.



Batista Luzardo, que foi homenageado com um banquete na Rotisserie.



Jornalista Demócrito Rocha, que anunciou na Rotisserie a vitória da Revolução de 1930, no Ceará, e foi conduzido nos braços do povo para o Coreto da Praça do Ferreira.



O grande baile de gala oferecido ao Presidente Matos Peixoto, no dia de sua posse, em 12 de julho de 1928. Na seta, o Presidente dançando.



Demócrito Rocha quando anunciava ao povo a vitória da Revolução no Ceará, no dia 08 de outubro de 1930.

CAPÍTULO 2

Art-Nouveau — Q.G. dos políticos da década de 1920

O Café Art-Nouveau, situado na Praça do Ferreira, esquina da Rua Major Facundo com a Guilherme Rocha, era o Q.G. dos políticos dominantes daquela época. Ali se reuniam deputados, prefeitos e a nata da vida política do Estado.

Eram habituees daquela casa o Senador João Thomé, o Deputado Manoel Moreira da Rocha, o Deputado José Aciolly, o Deputado Álvaro Fernandes, o Deputado Álvaro Vasconcelos, o Deputado Manoelito Moreira e os Deputados Estaduais Paula Rodrigues, Alfredo de Souza, de Quixadá, Monsenhor José Quinderé, Manoel Carlos Gouveia, de Iguatu, Ruy Guedes, inúmeros outros políticos como Manoel Sátiro e Beni Carvalho, além de intelectuais, como os jornalistas Matos Ibiapina, o médico Dr. Meton de Alencar, o poeta Quintino Cunha.

Os políticos, como o Deputado Moreira da Rocha, chefe do Partido Democrata (Rabelistas) e José Aciolly, chefe do Partido Conservador (Aciolinos), ali se confraternizavam na maior cordialidade, enquanto no interior os seus correligionários se digladiavam numa luta de sangue e morte.

Aqui se registra um episódio jocoso. Certa vez, estando o Deputado Álvaro Fernandes conversando com o seu colega médico, Dr. Meton de Alencar, aproxima-se da mesa o conhecidíssimo poeta Quintino Cunha, célebre pelos seus improvisos de mordacidade. Álvaro Fernandes, ao vê-lo, foi logo dizendo:

“- Quintino, diga aí quatro besteiras grandes.

Quintino nem titubeou e respondeu:

- Álvaro Otacílio Nogueira Fernandes”.

Como falei em Quintino julgo que vale a pena recordar dois dos seus versos satíricos. Uma vizinha sua usava a Pomada Epidermina para tirar sardas do rosto. E certa vez fazia a apologia da pomada para o Quintino que a contestou num rápido improviso:

“A Epidermina, fum !

Do José Elói da Costa

É o puro cheiro de bosta

Na cara de qualquer um !”.

A segunda quadra assim nasceu: Alfeu Ribeiro Aboim (não confundir com seu sobrinho Alfeu Farias Aboim), que foi Diretor da Imprensa Oficial, era Prefeito de Juazeiro, quando surgiu a Aliança Liberal com a candidatura de Getúlio Vargas e João Pessoa à Presidência e Vice-Presidência da República.

O Presidente Matos Peixoto, que apoiava chapa do Catete, Júlio Prestes e Vital Soares, recebeu, como era natural no tempo, o apoio incondicional de todos os Prefeitos do Ceará, com exceção de Alfeu Ribeiro Aboim, que apoiou a Aliança Liberal.

Tal atitude provocou a ira governamental com toda a sua hostilidade, culminando com um banho de fezes que recebeu, certa noite, ao regressar Aboim, à sua residência, em Juazeiro.

Veio, então, o que todos sabem: a Revolução de 30 e a queda do Presidente do Estado e de todos os prefeitos do interior e nomeados pelo Chefe do Governo, Interventor Fernandes Távora, interventores em todos os municípios. Coube a Aboim ser premiado com a sua nomeação para interventor de Sobral, cidade, então, bem mais importante do que Juazeiro.

Um esclarecimento se impõe. Não obstante, a designação de interventores ninguém deixou de tratá-lo por prefeito e o próprio titular assim se assinava, inclusive através dos papéis oficiais que traziam o timbre da Prefeitura Municipal.

Com a saída do Interventor Fernandes Távora, assumiu o Governo do Estado o Interventor Carneiro de Mendonça que se desaveio com Alfeu Ribeiro Aboim demitindo-o de Sobral.

Quintino, então, se encontrando com Aboim, na porta do Excelsior Hotel, logo improvisou:

"Meu caro Alfeu Aboim,
Esta vida é uma ova!
Cagado na Pátria Velha
Fodido na Pátria Nova!"

Assíduo freqüentador do Art-Nouveau, o jornalista Matos Ibiapina, Diretor de O Ceará, tomava seu drinque matinal quando foi informado que a 50 metros dali, ou seja, em frente à Casa Alemã, vizinha à Casa Parente, tinha sido agredido o Coronel Luiz Sombra, Comandante do 23º Batalhão de Caçadores.

Ali mesmo, redigiu sua notícia para O Ceará que a publicou no dia seguinte na primeira página.

A verdade é que em uma manhã chuvosa, do mês de março de 1928, na Rua Guilherme Rocha, a 50 metros do Art-Nouveau, vindo em sentido contrário, Raimundo Cordeiro de Almeida, filho do Sr. Teófilo Cordeiro de Almeida, proprietário do conhecido Restaurante A Gruta, irmão do então Tenente Carlos Cordeiro de Almeida, deu um involuntário, mas tremendo encontrão no Coronel Sombra, Comandante do 23º Batalhão de Caçadores. O Coronel Sombra, ao receber o encontrão, gritou indignado para Cordeiro, empurrando-o com violência:

"- Saiba andar na rua, seu mal-educado"

Cordeiro, homem também extremamente violento, conhecido pela bravura, havendo, certa vez, enfrentado cinco homens, não vacilou:

"- Mal-educado é você"

E aplicou três violentos socos no Coronel, derrubando-o, no maior desacato já verificado a uma autoridade na cidade de Fortaleza.

Depois da agressão, oficiais do 23º Batalhão de Caçadores passaram a vasculhar a cidade, a fim de prender o agressor do seu Comandante.

Almeida, no entanto, escondera-se em lugar incerto e não sabido, para usar o termo jurídico, e na manhã seguinte viajou para a fazenda do Coronel Antônio de Oliveira Martins, em Serra Branca, município de Quixeramobim. Após permanecer algum tempo ali refugiado, Almeida volta a Fortaleza. Uma semana depois, ao sair do Café Iracema, na Praça do Ferreira e já segurando na alça para tomar o ônibus que o levaria a Jacarecanga, foi atacado pelas costas por violentos golpes de cassetete de borracha pelo Major Espinheiro e Capitão Araújo, respectivamente Comandante e Subcomandante da Guarda-Civil. Após a agressão, entregaram-no à sanha de 10 guardas civis que o espancaram selvagememente, aplicando-lhe socos na região dos rins e por todo o corpo. Dessa agressão inominável, Cordeiro de Almeida veio a falecer, tempos depois.

Os autores da agressão se justificaram com o argumento de que estavam lavando a honra de um colega de farda.

Quanto ao jornalista Júlio de Matos Ibiapina, que redigiu a nota publicada na primeira página do seu jornal O Ceará, foi também caçado. Estava ele trabalhando no jornal, quando foi avisado pelo gerente Oscar Leite de que um caminhão parara ao lado do jornal na Rua General Sampaio, esquina com a Praça José de Alencar, dele descendo soldados do 23º Batalhão de Caçadores todos armados e se dirigiam para a redação. Ibiapina, diante do perigo, não vacilou. Vestindo o paletó, desceu ao terraço que fica para o lado da Igreja do Patrocínio, pulando o muro para uma residência da Rua General Sampaio, dali conseguindo fugir, indo para a Fazenda Bolívia, em Quixadá, propriedade do seu amigo Dr. Bráulio Barreira Cravo, seguindo depois para o Rio de Janeiro, passando a direção do jornal O Ceará ao jornalista Paes de Castro, um dos seus redatores.

Em 1930, com a vitória da Revolução, o Interventor do Ceará convida para Diretor da Instrução Pública o então Diretor do Jornal O Ceará, jornalista Paes de Castro. Este, após assumir o cargo, passou a direção do jornal ao jornalista e teatrólogo Renato Viana.

Renato Viana, que era católico fervoroso, fez publicar na primeira página do jornal um apelo aos três bispos, Dom Manoel, Dom José e Dom Quintino, para que fosse suspensa a maldição do já famoso matutino. A atitude de Renato Viana provocou a ira de Matos Ibiapina que, do Rio de Janeiro, onde se encontrava, mandou fechar definitivamente O Ceará.

Regressando, no dia 18 de março de 1931, a Fortaleza, Ibiapina fundou A Nação para defender as idéias do movimento tenentista que então se iniciava.

No dia 16 de fevereiro de 1932, Ibiapina escreve um vigoroso artigo referindo-se a uma ajuda de 40 contos de réis que foram abonados ao Agrônomo Dário Tavares Gonçalves, recém-demissionário da Diretoria da Agricultura.

No seu artigo dizia Ibiapina:

"que ao abonar aqueles 40 contos de réis para o viajante que fora ao Palácio despedir-se, os cofres públicos haviam sido onerados em despesas ilícitas".

Carneiro de Mendonça, habituado aos elogios incondicionais da imprensa, perdeu a calma e armado de um rebenque conhecido por vergalho de boi, dirigiu-se à redação de A Nação, à Rua Barão do Rio Branco, 1058, onde é hoje a Casa Americana, não confundir com Lojas Americanas, para agredir o famoso jornalista e Professor do Colégio Militar, Júlio de Matos Ibiapina.

Não encontrando Ibiapina, eram 19:00 horas, permaneceu alguns minutos na calçada, tempo suficiente para que um Contínuo muito perspicaz ficasse à porta do Art-Nouveau, por onde passaria com certeza, Ibiapina, e o avisasse do ocorrido. Tomando conhecimento do fato, Ibiapina procura mais que depressa um táxi na Garage Mazine que ficava na Praça do Ferreira, Rua Pedro Borges entre Major Facundo e Floriano Peixoto, indo refugiar-se no Palacete do Coronel Antônio Diogo de Siqueira, na Avenida Tristão Gonçalves.

O Coronel Antônio Diogo, em contato telefônico com passageiros da Panair que se encontravam no Palace Hotel, conseguiu a desistência de um deles, propiciando na manhã do dia seguinte, 17 de fevereiro, o embarque de Ibiapina no Hidroavião da Panair do Brasil, com destino ao Rio de Janeiro. O jornal A Nação deixou de circular.

A verve do cearense não o poupou e logo circulava na cidade a quadrinha jocosa:

"Corre o boi lá na caatinga
Corre a onça no Cerrado
Mas o Júlio Ibiapina
Corre mais do que veado".

ART-NOUVEAU
QUARTEL GENERAL DOS POLÍTICOS DA DÉCADA DE 1920



Aqui, entre boêmios e intelectuais, os chefes dos Partidos Democrata e Conservador confraternizavam-se, cordialmente, enquanto, no interior, os correligionários se digladiavam.

CAPÍTULO 3

O Cine-Teatro Majestic e seu famoso bar-palco de alegria e boêmia da cidade

Muito já se escreveu sobre o prédio do Cine-Teatro Majestic. Limitar-me-ei a falar de alguns casos de que pouco se fala, inclusive, do seu famoso bar e do não menos famoso garçom "Seu João".

O Cine-Teatro Majestic foi construído pelo capitalista Plácido de Carvalho e inaugurado no dia 14 de julho de 1917. Com os seus quatro andares, tornou-se o prédio mais alto da cidade. Os sertanejos que vinham à Capital subiam no seu terraço para ver o mar, que eles chamavam de Açude do Boris. Havia ali um gigantesco farol giratório. Este foi logo retirado, pois, certa, vez, ao aproximar-se de Fortaleza, um navio o confundiu com o Farol de Mucuripe, quase se jogando sobre a Ponte Metálica.

O espetáculo da solene inauguração do Prédio e do Teatro, a 14 de julho de 1917, foi abrilhantado, como já foi bastante divulgado, com o espetáculo da italiana Fátima Miris, a maior transformista do seu tempo.

No dia 14 de abril de 1957, o edifício sofreu o seu primeiro incêndio. A rigor, não atingiu o cinema, onde o prejuízo seria maior. Apenas a entrada do cinema, que era na Praça do Ferreira, passou a ser feita então pela Rua Barão do Rio Branco.

Em 1968, na madrugada do dia 01 de janeiro, o prédio foi totalmente destruído por novo incêndio, sobrando, apenas, a sua estrutura metálica. Dizia-se, na época, que o incêndio fora criminoso. E que a exploração imobiliária sonhava, como veio a acontecer, com mais um arranha-céu no local da tradicional casa de diversão.

Limito-me, como já acentuei, a narrar apenas alguns fatos ainda não divulgados, pois o Majestic, tanto o cinema como o seu famoso bar, que pertenciam à empresa cinematográfica Luiz Severiano Ribeiro, constituem o mais rico anedotário da vida da Praça do Ferreira.

No Teatro Majestic realizou-se, no dia 15 de junho de 1937, o lançamento da candidatura de Armando de Sales Oliveira pelo Partido Social Democrático, então adversário do Presidente Getúlio Vargas. Nessa solenidade, presidida pelo Dr. Fernandes Távora, Presidente do PSD, falaram, além deste conhecido político, o Deputado Duarte Júnior, saudando os convencionais, e os Deputados Paulo Martins, Ararico Caubi, Mcraes Moreira e Raul Bittencourt, conhecido tribuno gaúcho. A candidatura de Armando de Sales já havia sido lançada em São Paulo pela União Democrata Nacional - UDN.

Um dos acontecimentos de maior relevo do Majestic foi a passagem por Fortaleza do ator Raul Roulien. Vindo dos Estados Unidos, onde lançara "Es tão Deliciosa", Roulien assistiu na tela do Majestic a exibição do seu filme em avant-premiere, no Brasil.

Roulien, em camarote especial tendo a seu lado o jornalista Demócrito Rocha, recebeu os maiores aplausos no Majestic. Antes fora saudado pela banda de música da Polícia Militar e de grande multidão que se postavam na Praça do Ferreira, em frente ao edifício.

Os andares superiores do Majestic eram construídos com divisórias de madeira, formando pequenos apartamentos, ocupados por inquilinos. Em um deles morava o conhecido jornalista Raimundo Correia Saraiva (já falecido) que, guardando dois milhões de cruzeiros, por baixo do seu colchão, os viu totalmente destruídos, juntamente com todas as suas roupas, no segundo incêndio. Em meio ao fogaréu, com gestos dramáticos, Saraiva lamentava:

"- Fiquei de tanga! Que vai ser de mim!"

Nunca é demasiado falar do Bar Majestic e do garçom "Seu João". Como se sabe, o Bar era freqüentado por um grupo de intelectuais, jornalistas, professores, advogados, da mais elevada categoria. Dentre os freqüentadores se destacavam, pela assiduidade, Gomes de Matos, Paes de Castro, Demócrito Rocha, Francisco de Holanda, José Bruno de Miranda, José Pinto do Carmo, Leonardo Mota, Tobias Ciridião Ferreira, João Mac-Dowel, Wicar de Paula Pessoa, Professor César Campelo, Luiz Batista Vieira, Dr. Joaquim Brasil de Holanda Cavalcante e muitos outros.

Registramos, abaixo, algumas das boutades do Seu João - o garçom sempre bem humorado, a quem não faltava o chiste zombateiro.

Papi Júnior, nosso ilustrado coestadano, já falecido, quando escreveu o seu livro Gêmeos ofertou um exemplar ao Professor Gomes de Matos, com uma elogiosa dedicatória na página de rosto.

Gomez, com o livro na mão, entrou no conhecido Bar, colocou o livro de Papi Júnior sobre a mesa e pediu uma cerveja. Seu João leu por cima do ombro de Gomes de Matos:

"- Gêmeus..."

Gomes de Matos explicou:

"-Gemi mesmo! Gemi agora mesmo com dez mil réis!"

Uma tarde, o Bar estava repleto de freqüentadores. Demócrito Rocha passou por lá e encomendou ao Seu João quatro avoantes para acompanharem a cerveja que tomaria mais tarde, quando sásse do jornal.

As 18:00 horas chegou Demócrito em companhia do seu amigo, Dr. Gomes de Matos.

O garçom, Seu João, havia se esquecido da encomenda, mas não se deu por achado: pegou alguns pedaços de avoantes, enfeitou com duas rodelas de tomate, pimentão e alface, e levou tudo, juntamente com a cerveja. Demócrito, ao examinar, notou que ali estava faltando o melhor. Só havia pernas e asas.

Gomes de Matos perguntou:

"- Seu João, cadê a titela da bicha?"

O garçom explicou, erguendo-anoar:

"- Eita diabo! Foi o caçador. Ah! tiro lascado!"

Noutra ocasião, houve uma briga entre freqüentadores, tendo um destes apontado o revólver para outro. Foi o bastante: todo o mundo

correu apavorado, menos Seu João.

Serenados os ânimos e depois de se constatar que entre mortos e feridos escaparam todos e, conseqüentemente, nada houve, Gomes de Matos batendo no ombro do conhecido garçom, disse:

"- Seu João, você é um homem valente! Foi você o único que não correu!"

O velho João coçando o pescoço, explicou:

"- Doutor, aqui no Ceará não tem homem valente, foram as pernas que não ajudaram..."

Como quase todo o Ceará que freqüentou o Bar Majestic, daquele tempo, guardo do Seu João grata lembrança, pois lá deixei muito vale pendurado, que resgatava pontualmente todos os sábados.



Fachada do Cine-Teatro Majestic, destruído pelo incêndio na madrugada de 01 de janeiro de 1968. No local ergue-se, hoje, o Edifício Lobrás.

CAPÍTULO 4

Os célebres bancos da Praça do Ferreira

Banco da Opinião Pública, Banco da Democracia e Banco Que Não Teve Nome.

A Praça do Ferreira, antes da triste reforma da administração do Prefeito José Walter Cavalcante (1968-1969), foi, incontestavelmente, o centro da vida de Fortaleza. Vida política, intelectual e social da cidade. Os Bancos das suas alamedas viviam sempre superlotados dos seus frequentadores, que ali ficavam até às últimas horas da noite.

Banco da Opinião Pública

Mas teve uma singularidade. Era o Banco. O Banco que ficava em frente à Farmácia Pasteur tornou-se, através do tempo, uma espécie de maçonaria, mudando os seus componentes à proporção que mudavam as gerações. Tão célebre era o Banco que na década de 20, o jornalista Demócrito Rocha, o batizou de Banco da Opinião Pública, como ficaria conhecido até os dias de hoje.

Foram frequentadores do Banco figuras da maior respeitabilidade do Estado do Ceará, como por exemplo: o Coronel Antônio Diogo de Siqueira, Coronel Vicente de Castro, Coronel Adolfo Siqueira, Coronel Raimundo Cícero e muitos outros.

A partir de 1920, o jornalista Demócrito Rocha converteu-se numa espécie de líder do Banco, aglutinando em torno da sua inteligência privilegiada, os mais autênticos líderes da nossa Capital, como Wicar de Paula Pessoa, José Rodrigues Ribeiro, Alfredo Ferreira Braga (o Braguinha do London Bank), Demóstenes Brígido, Carlos Miranda, Joaquim Lima, Frederico Ernesto Drenner, Afonso Medeiros, Manuel Franco, Demócrito Moreira de Menezes, João de Almeida, Antônio Botelho e Demócrito Rocha.

Em 1942, a Praça do Ferreira foi mutilada com a abertura de duas alamedas, uma em frente à Rua Major Facundo e outra em frente à Floriano Peixoto, para escoamento do trânsito de automóveis.

Com esta reforma, o Banco foi transferido do seu lugar primitivo para cerca de 10 metros adiante. Também foi modificado. Ao invés dos bancos de dois assentos com um encosto no centro, passou a ser um banco mais comprido de um só assento e um só encosto como os atualmente usados nas praças de Fortaleza.

Com essa mudança, Demócrito Rocha providenciou uma espécie de pedra fundamental, enterrando, embaixo do banco, no dia 2 de fevereiro do ano em curso, uma caixa de metal, a qual continha as atas que ele redigira, com a assinatura de todos os frequentadores, jornais, moedas e cédulas circulantes na época.

Em 1968-1969, com a malfadada reforma José Walter, foram retirados os bancos da Praça, inclusive a pedra fundamental do Banco da Opinião Pública que hoje se encontra em lugar incerto e não sabido.

A esta altura, Demócrito já havia falecido (1943), motivo por que, sem dúvida alguma, não se ouviu ou se leu, a nota veemente do seu protesto.

Publicamos neste livro a fotografia dos componentes do Banco, na qual está faltando apenas o Coronel Manuel de Oliveira Pombo, que chegou atrasado para o flagrante fotográfico, recebendo a piada do brincalhão Afonso Medeiros:

"- Você dormiu demais! Perdeu a oportunidade de posar para a História!".

Afonso Medeiros se referia à sesta do Coronel Oliveira Pombo, já que o retrato fora batido às 16:00 horas.

Demócrito gostava de chamar Carlos Miranda (o nº 5 da foto) de Presidente.

Houve muitas deturpações do Banco da Opinião Pública. Muitas pessoas formavam grupos juntos com alguns dos seus legítimos componentes e ali se fotografavam. Puro engodo. Os legítimos componentes do grupo são os constantes da histórica fotografia que publicamos neste livro.

Conta-se que, durante o famigerado Estado Novo, o Banco era vigiado por dois policiais que ali se instalavam, a fim de ouvir e transmitir ao Secretário de Polícia, o então Coronel José Góis de Campos Barros, tudo o que se comentava.

Por iniciativa do Presidente Carlos Miranda, convencionou-se que sempre que se aproximassem os vigias só se conversasse pornografias, fato que levou os "vigias", indagados pelo Secretário, a declararem:

"Ah, Coronel é um bando de velhos desbocados, só falam imoralidades, anedotas pornográficas, nomes imorais".

E o Secretário, então, para encerrar soltou uma bruta gargalhada. Assinale-se que, nas fotografias, os números 13 e 14 - Coronel Antônio Botelho e Demócrito Rocha - foram espancados no Governo Moreirinha, como está registrado noutro capítulo deste livro, o que mostra que, realmente, o Banco era o índice do pensamento livre da nossa Capital.

A esta altura abro um parêntese para narrar a agressão sofrida pelo Coronel Antônio Botelho.

Corria o Governo Moreirinha, o mais sanguinário que testemunhou a História política do Ceará.

O Coronel Botelho, então Deputado Estadual, verberava da Tribuna da Assembléia Legislativa os demandas e arbitrariedades do Governo. Não foi só. Foi além. Publicou um livro - Ele - o maior libelo acusatório contra o Governo. A capa estampava uma vaca cadavérica, com a caricatura do Moreirinha e os dizeres:

"Tu és vaca e a tua ração será o cadáver de quantos tombaram vítimas de tua hipocrisia".

(Evangelho de São Thomé, Cap. 3 - Versículo 18).

O livro, editado pela Tipografia Urânia, foi vastamente distribuído pela manhã. À tarde, no Diário do Ceará, órgão oficial do Governo, saiu o ato de nomeação do Tenente Otávio Bezerra, Delegado Especial de Maranguape, com a missão específica de agredir aquele Deputado.

Assim é que, na manhã do dia seguinte, o Tenente Otávio Bezerra tocaia a 10 metros da Coletoria Estadual de Maranguape (o Coronel Botelho morava naquela cidade) o Deputado que diariamente ia às 08:00 horas da manhã, palestrar com o seu amigo Coletor Estadual.

Ao se aproximar da Coletoria, o Coronel Botelho foi inopinadamente agredido pelo Tenente Otávio Bezerra que gritava possesso:

"- Entregue as armas, bandido".

Respondeu Botelho:

"- Eu não tenho armas. Isso é uma farsa para me desmoralizar".

Sendo brutalmente agredido e recebendo seis chibatadas com vergalho de boi, duas atingindo-lhe a face e quatro que amparou com o braço direito.

O fato teve grande repercussão no Ceará. O Deputado Federal Moreira da Rocha, ao tomar conhecimento da agressão, no Café Art-Nouveau, sentenciou:

"- Este Tenente pode se considerar defunto".

Efetivamente, quatro meses depois, o Tenente Otávio Bezerra era assassinado de tocaia na sua residência, na Rua Leopoldina, com quatro certos tiros que lhe vararam o tórax e o pescoço, no momento em que jogava gamão com sua vizinha D. Júlia, além de um quinto balaço que feriu D. Júlia, na coxa. O Tenente teve morte instantânea.

Atribuiu-se a tragédia à família do Coronel Botelho, pois segundo se propalou, o Dr. Leite Maranhão, genro de Botelho, trouxera o pistoleiro do município de Mauriti.

Fechado este longo parêntese, voltemos aos outros Bancos da Praça do Ferreira. A agressão ao jornalista Demócrito Rocha está narrada pormenorizadamente no capítulo 13, página 69, Agressão ao Jornalista Demócrito Rocha.

Banco da Democracia

Esse Banco era presidido pelo conhecido poeta Irineu Filho, funcionário da Alfândega e depois Delegado Fiscal. Localizou-se em três diferentes pontos da Praça do Ferreira. Primeiro com frente para a Rua Floriano Peixoto, perto da Coluna da Hora. Segunda vez, no centro da Praça, dando costas para a Major Facundo. E a terceira

vez, um grande banco oferecido pela Prefeitura, localizado de costas para a Rua Pedro Borges, onde ficava a Garage Mazine. O Dr. Irineu Filho achou inconveniente o local, pois o Banco, além de tudo, era muito devassado na sua localização pelos motoristas de táxis que se reuniam ao seu redor. Então, voltou o Banco para o centro da Praça, de costas para a Rua Major Facundo.

O Banco, cujos participantes eram dezoito, compunha-se de João Gaspar, funcionário público; Guilherme Sátiro Rabelo, advogado; Professor Antônio Martins Filho, futuro Reitor da Universidade Federal do Ceará; Dr. Emídio Lobo, Inspetor de alunos da Escola Preparatória; Dr. Belo da Mota, médico; Aderbal Pamplona, funcionário da Alfândega; Fidélis Silva, advogado; Carlos Braga, comerciante; Antônio Batista Fontenele, proprietário da Tipografia e Livraria Fontenele; Daniel Carneiro Job, jornalista; Irineu Filho, Delegado Fiscal; Humberto Fontenele, advogado; Clodoaldo Pinto, advogado; Dr. Gomes de Matos, advogado; Josafá Linhares, professor e economista, e Cruz Filho, príncipe dos poetas cearenses.

O Banco reunia-se em dois turnos, das 19:00 até às 22:00 horas e daí a meia-noite, quando se dissolviam os notívagos, cada um tomando o seu rumo.

O Banco, onde se discutia tudo, desde a vida alheia à política e religião, era a cidade viva no seu cotidiano. Nada escapava aos comentários dos seus frequentadores. Tudo se comentava. De tudo e de todos se falava, desde os fatos recentes às histórias do Arco da Velha.

Na fotografia aparecem apenas dezesseis, pois dos dezoito o Juiz Aureliano Barros e o João de Castro Bezerra, funcionário da Delegacia Fiscal, apesar de convocados, deixaram de posar para a foto histórica.

O Banco era por demais movimentado, pois a ele compareciam, todas às noites, outros amigos que vinham participar do agradável bate-papo.

Registro aqui que o então Interventor Dr. Beni Carvalho, que governou nossa terra no meteórico período de 3 de novembro de 1945 a 10 de janeiro de 1946, por duas vezes seguidas visitou o Banco, sendo, na primeira vez, saudado pelo Presidente Dr. Irineu Filho. Agradecendo, disse, em termos de gracejo, que se se demorasse mais no Ceará iria considerar o Banco da Democracia de utilidade pública.

Certa vez, o Dr. Martins Filho ofereceu, na sua antiga residência da Rua da Assunção, 11, um movimentado coquetel, ao qual compareceram todos os frequentadores do Banco. Mas, como o tempo tudo destrói, dos 18 componentes do Banco, apenas dois sobrevivem: o Magnífico Reitor Martins Filho e o autor deste livro.

O Banco Que Não Teve Nome

O último Banco da Praça do Ferreira não teve nome. Era composto de Omar Coelho, gerente do Bar da Brahma, José Maria Filho, funcionário da Universidade Federal do Ceará, Patrício Ribeiro, funcionário aposentado da empresa Luiz Severiano Ribeiro, Carlos Bezerra de Menezes, jornalista e funcionário do DNOCS, Ivan César de Vasconcelos, dentista, Sebastião de Arruda Boto, Delegado Regional do Ensino, Turbay Barreira, médico, Vinícius Ribeiro, advogado, Rafael Codes y Sandoval, médico, Daniel Carneiro Job, jornalista, Humberto Ribeiro, comerciante aposentado, René Paiva Dreyffus, procurador jurídico da Prefeitura e Stênio Azevedo, jornalista. Ainda compunham esse Banco Abraão Romcy, comerciante, Samuel Tabosa, gerente da empresa Ribeiro e Elcias Camurça, médico, que não figuram na fotografia.

Antes de comparecerem ao Banco, os seus componentes se reuniam na galeria do Banco do Nordeste, e, após formar-se de 6 a 8 membros, dirigiam-se para o Banco.

O Banco Que Não Teve Nome situou-se em dois locais. O primeiro na quase esquina da Floriano Peixoto, dando costas para a Pedro Borges e o segundo mais à frente na mesma direção. Uma coisa precisa que se destaque. É que o Banco figurou nesses dois locais da Praça do Ferreira, ao tempo do tradicional logradouro da Coluna da Hora. Durante todo o período da reforma da Praça, promovida pelo Prefeito José Walter, o Banco sediou-se na Praça General Tibúrcio, onde permaneceu até o final das obras, voltando, então, para o segundo local acima designado.

Dois episódios queremos salientar. O primeiro, que o Banco não teve presidente, pois, apesar de unanimemente considerado Presidente, o Dr. Codes y Sandoval jamais aceitou as "honradas funções". Era, como os demais, simples participante. Dizia, sempre em tom de brincadeira, que não era Presidente de nada.

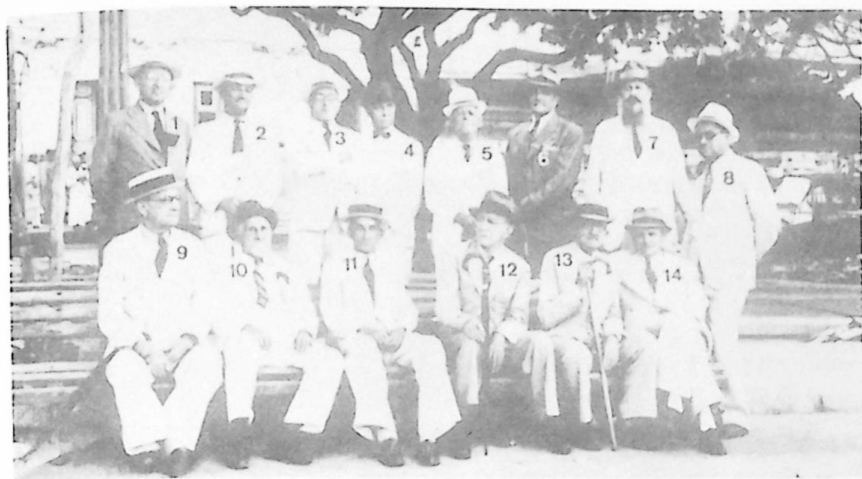
O segundo episódio, que merece destaque, era a verve de Turbay Barreira, Sebastião Arruda e Stênio Azevedo, inesgotável fonte das reminiscências e de fatos históricos que marcaram com graça e encantamento a vida de todo o Estado.

É óbvio que passei a participar do Banco Que Não Teve Nome, após a extinção do Banco da Democracia, pois, como disse acima, só existiam do primeiro eu e o Reitor Martins Filho.

Dos componentes desse Banco, só existem vivos Stênio Azevedo, René Dreyffus, Ivan César, Patrício Ribeiro, José Maria Fialho, Elcias Camurça, Samuel Tabosa e eu.

Os Bancos, que formaram uma página viva da Praça do Ferreira, como esta, não existem mais. Bem disse o velho Alencar:

"Tudo passa sobre a terra".



Banco da Opinião Pública: 1. Wicar de Paula Pessoa; 2. José Rodrigues Ribeiro; 3. Alfredo Ferreira Braga; 4. Demóstenes Brígido; 5. Carlos Miranda (Presidente); 6. Joaquim Lima; 7. Frederico Ernest Drenner; 8. Afonso de Medeiros; 9. João MacDowel; 10. Manoel Franco; 11. Demócrito Moreira de Meneses; 12. João de Almeida; 13. Antônio Botelho; 14. Demócrito Rocha. (* Deixou de comparecer somente o Coronel Manuel de Oliveira Pombo).



Banco da Democracia; 1. João Gaspar; 2. Guilherme Sátiro Rabelo; 3. Antônio Martins Filho; 4. Emílio Lobo; 5. Belo da Mota; 6. Aderbal Pamplona; 7. Fidélis e Silva; 8. Carlos Braga; 9. Antônio Batista Fontenele; 10. Daniel Carneiro Job; 11. Irineu Filho (Presidente); 12. Humberto Fontenele; 13. Clodoaldo Pinto; 14. Gomes de Matos; 15. Josafá Linhares; 16. Cruz Filho. (* Como se diz no texto, faltam o Juiz Aureliano Barros e João de Castro Bezerra, que não compareceram).



O Banco Que Não Teve Nome: 1. Omar Coelho; 2. José Maria Fialho; 3. Patrício Ribeiro; 4. Carlos Bezerra; 5. Ivan César de Vasconcelos; 6. Sebastião Arruda Boto; 7. Turbay Barreira; 8. Vinícius Ribeiro; 9. Rafael Codes y Sandoval; 10. Daniel Carneiro Job; 11. Humberto Ribeiro; 12. Renê Paiva Dreyffius; 13. Stênio Azevedo. (Não compareceram: Abraão Romcy, Samuel Tabosa e Elcias Camurça).
* Foto tirada há mais de 20 anos, no Náutico Atlético Clube, por ocasião de um jantar em homenagem a Turbay Barreira, pelo seu aniversário.*



O Reitor Antônio Martins Filho e o jornalista Daniel Carneiro Job, os dois últimos sobreviventes do famoso Banco da Democracia, em fraternal aperto de mãos, se congratulam por estarem vivos, contando a história de um passado vibrante e alegre que não volta mais.

CAPÍTULO 5

A Pensão de Amélia Campos — Prostíbulo freqüentado pela alta sociedade

A Pensão de Amélia Campos localizava-se na Praça do Ferreira, esquina com a Rua Pedro Borges, dando uma das suas frentes para a então Padaria Lisbonense, hoje a loja A Esmeralda.

O local é exatamente onde funciona o armazém de tecidos Leblon, que o descaracterizou com enorme tapume que invalida a vista do antigo prédio.

Aquela Pensão era o ponto de encontro de altas autoridades, deputados, intelectuais, comerciantes, industriais, além dos vultos mais destacados da Maçonaria de Fortaleza.

Sua proprietária, Amélia Campos, inteligente, atraente, comunicativa, era exímia importadora de mulheres do mais alto quilate, de todos os Estados do Brasil.

Cuidava com rigor do seu rebanho. As mulheres de seu prostíbulo, antes de lançar-se no meretrício, recebiam aulas de conversação, vestiam-se com elegância a ponto de comparecerem às manhãs de domingo na Rotisserie, ponto mais grã-fino da cidade, devidamente enchapeladas. Amélia, por isso mesmo, era respeitada e gozava de grande prestígio diante das autoridades.

A propósito de Amélia Campos quero registrar um episódio jocoso. Era um dos costumes das mulheres da Pensão de Amélia Campos o banho das 02:00 horas da madrugada, no açudeco que existia entre a Praça São Sebastião e a Praça Nossa Senhora das Dores, exatamente onde hoje se localiza o Supermercado Jumbo 12, ou seja, no local do antigo Jardim Japonês. O açudeco era formado pela represa do riacho Jacarecanga e pelas águas subterrâneas da antiga Praça Pelotas, onde se localizam as Caixas d'Água da Cagece, que, então, sangravam todas as manhãs.

Chefiando uma turma de mulheres selecionadas e de freqüentadores da Pensão, certa vez, Amélia Campos forma uma caravana de vários carros da Mazine rumando para o aprazível açudeco.

Era, como se vê, um banho edênico. Amélia, que pendurava as suas vestes num cajueiro que beirava o açudeco, ensaboava-se com sabonete francês, a cujo perfume tecia loas e elogios.

Dentre as peças do vestiário de Amélia se destacava um rico cachecol de penas.

Carlos Braga, um dos participantes do banho, aproveita a distração de Amélia, aproximando-se daquela preciosa peça. Apanha-a, defeca abundantemente sobre ela, e enrolando-a, coloca-a no mesmo lugar.

Amélia, terminando o banho, se veste e se perfuma. Ao apanhar o cachecol para colocá-lo no pescoço, depara a maior e mais desagradável

cável surpresa da sua vida. É que o cachecol cheio de fezes derramou-se por todo o seu corpo, provocando, além do escândalo, revolta e indignação da ilustre dama, que aos gritos bradava:

"Ah! se eu pegasse este filho da puta. Eu o pinicava tanto com o meu punhal, que não tinha doutor que desse jeito".

E caiu num pranto convulsivo. O odor das fezes e o perfume de Amélia se juntaram às suas lágrimas copiosas.

Amélia conduzia sempre, em sua bolsa, um punhal com cabo de madrepérola.



A seta indica o sobrado onde funcionava o Prostituto da Amélia Campos, hoje encoberto por um tapume do Armazém Leblon.

CAPÍTULO 6

Abrigo Central, um monstro que deixou saudade

O Abrigo Central, construído na administração do Prefeito Acrísio Moreira da Rocha, no ano de 1949, e inaugurado em 1950, foi demolido em 1967 pelo Prefeito José Walter Cavalcante para a extensão dessa aberração que é a Praça do Ferreira dos nossos dias, síntese de mau gosto e do desconforto doado ao povo de Fortaleza.

O Abrigo, que era o ponto de encontro obrigatório de políticos, comerciantes, jogadores de futebol, jornalistas, estudantes, enfim, de todos os frequentadores da Praça, apesar de sua efêmera existência marcou o espírito, a verve, a vida e o tradicionalismo da Praça do Ferreira de antigamente. Por isso, continua lembrado pelos velhos habitantes da nossa cidade.

Aqui quero registrar alguns fatos ocorridos no velho Abrigo. No Café Presidente, de Hildeberto Ferreira, o conhecido protetor dos animais, se reunia, após os negócios políticos, o Comitê para candidatura do General Cordeiro Neto a Prefeito de Fortaleza, chefiado pelo saudoso historiador Ismael Pordeus.

No Abrigo Central tomava seu cafezinho, no Café Presidente, o Governador Plácido Castelo. Plácido Aderaldo Castelo era um homem cordial, nascido em Mombaça e que conservava a maior simplicidade como hábito de vida, não obstante os elevados cargos que exerceu: de Deputado Estadual, Secretário da Fazenda e, posteriormente, da Agricultura, Deputado Federal e, finalmente, Governador do Estado, jamais perdeu os gestos de homem do interior e o hábito de conviver com o povo sem demagogia ou falsa popularidade. Tomava seu cafezinho no pires, depois de despejá-lo da xícara.

Ali aconteceu, certa vez, uma cena insólita. No Abrigo funcionava a lanchonete O Teteu, especialista em caldo de mocotó, muito apreciado pelos notívagos e farristas que circulavam pela madrugada na periferia da cidade.

Certa madrugada, chovia torrencialmente e o proprietário da lanchonete, indiferente à higiene, foi lavar a louça na coxia que corria como riacho caudaloso.

Os frequentadores revoltados, começaram a quebrar pratos e talheres, passando dessa primeira violência à agressão corporal ao proprietário, feito que não teve consequências mais graves, face à intervenção da turma do deixa-disso. O proprietário agredido se defendia lamentando:

“- Que é que vocês querem que eu faça se está faltando água do Acarape... O jeito é aproveitar a chuva !”.

Outro episódio ocorrido no Abrigo - este sangrento - foi o assassinato do Sargento Veras, Delegado de Messejana. O Delegado, que era muito arbitrário, prendera no seu distrito o provecto cidadão

Manuel Mavignier de Oliveira, pelo fato deste reclamar a maneira como ele vinha conduzindo um preso, com a máxima violência, ao passar em frente à sua residência.

O Delegado, então, prendeu o protestador Mavignier. O caso revoltou toda a população de Messejana.

Dona Olga Monte Barroso, esposa do então Governador Parsifal Barroso, atendendo a pedidos da população revoltada, mandou soltar aquele respeitável cidadão.

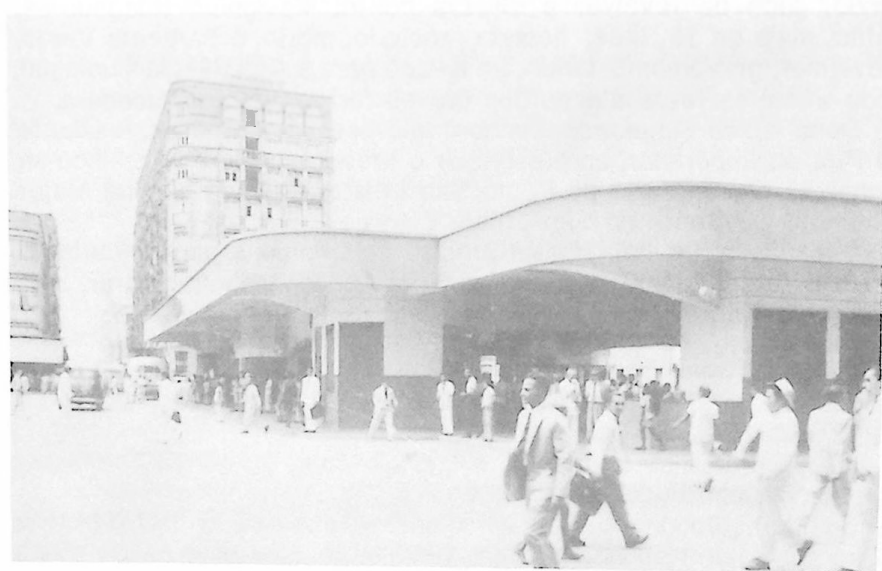
Nilton Mavignier de Oliveira, filho do velho, que morava em Maranguape, dias depois, esperou o Sargento no Abrigo, do qual era frequentador assíduo e, ao vê-lo tomando café num dos recantos ali existente, chega e puxa-o pelo paletó, dizendo:

"- Prepara-te para morrer, bandido".

E cravou-lhe uma punhalada no peito. O Sargento, apesar de ferido, saca do revólver e dispara contra Mavignier, trocando-se, então, mais de 15 tiros, ficando prostado, morto, o Sargento Veras, Mavignier, gravemente ferido, foi levado para a Assistência Municipal, onde afinal se restabeleceu dos graves ferimentos que recebera.

Dona Isolda Figueiredo, senhora que pesava 110 quilos, residente na Rua do Imperador, ao presenciar o tiroteio correu e agasalhou-se embaixo de um carro do Posto São Luiz que ficava na Rua Major Facundo, em frente ao São Luiz,

Passado a fuzilaria foram preciso seis homens para levantar o carro e retirar, afinal, a pobre senhora que conseguira entrar, mas não podia sair.



O Abrigo Central, de saudosa memória.

CAPÍTULO 7

O Sol e um defunto vaiados na Praça do Ferreira

A Praça do Ferreira era célebre pela concentração de estudantes, desocupados e malandros que se destacavam pelo hábito das grandes vaías. Ninguém escapava a essa onda de desrespeito, embora não se revestisse de maldade maior. Não havia agressões ou depredações.

A vaia ao Sol, em fevereiro de 1942, que ao reaparecer após três dias de céu nublado, já se tornou folclore. Assim, também, ocorreu com a tremenda vaia que sofreu a veneranda figura do Barão de Studart. Homem severo, sempre vestido à antiga, de fraque e cartola, atravessava ele a Praça do Ferreira quando sofreu tremenda vaia de gritos e apupos, chamando-o de jaraçá, cobra e outros impérios.

Felizmente, pessoas sensatas intervieram e o ilustre Barão pôde seguir seu passeio sossegado.

Eram comuns os enterros que vinham da Aldeota, Joaquim Távora, Praia de Iracema, Piedade, Dionísio Torres, ou seja, obrigatoriamente, tinham de passar pela Praça do Ferreira.

Certa vez, um cortejo que vinha da Aldeota, ao passar em frente à Casa Mundlos, situada no quarteirão da antiga Intendência, hoje demolida, estourou o pneu do carro fúnebre. Bastou isso, para que uma estrepitosa vaia fosse desencadeada pelos freqüentadores da Praça.

Já que estou falando em vaia, não posso deixar de relatar o episódio ocorrido, por ocasião da segunda visita do Presidente Getúlio Vargas, a Fortaleza.

O Presidente chegou à nossa Capital no dia 15 de outubro de 1940. No dia 16, à tarde, foi alvo de uma grande manifestação popular na Praça General Tibúrcio, em frente ao Palácio da Luz.

O Presidente Getúlio Vargas se encontrava numa das sacadas do Palácio, ao lado do Interventor Menezes Pimentel, assistindo à manifestação. Falaram: Elpidio Gladstone, pela Fênix Caxeiral, e Antenor Vale de Lima, pelos comerciantes e, por último, Vital Félix de Souza, Presidente do Sindicato dos Estivadores e conhecido líder operário, pelos trabalhadores.

Quando Vital começou seu discurso foi vaiado pela multidão que gritava:

“Cale a boca, Vital da Bestidade!”

Diante da surpresa do Presidente, o Interventor Menezes Pimentel cochichou no seu ouvido, explicando a vaia, pois Vital era apelidado de o Rei da Bestidade. Getúlio, então, riu e acenou para a multidão que cessou os apupos, podendo o orador prosseguir no seu bestialógico discurso.

A propósito, transcrevo um trecho do meu livro "Revivendo o Passado", publicado em 1986, quando da visita ao Brasil de Sua Majestade, o Rei Alberto da Bélgica, em 1922:

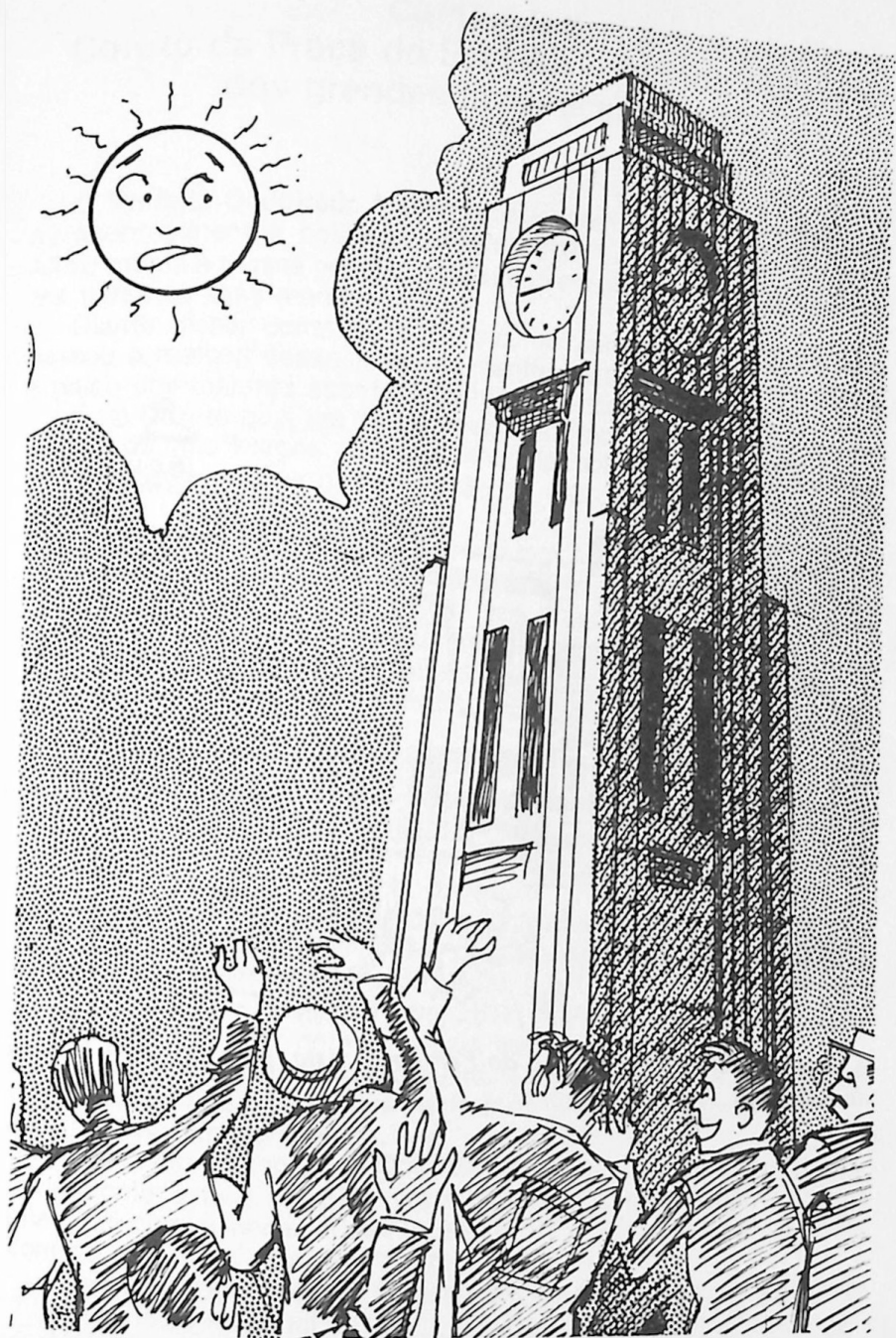
"No dia do ano de 1920, chegava ao Brasil, a convite do então Presidente Epitácio Pessoa, o Rei Alberto da Bélgica. Ao desembarcar do navio que o trouxera, na Praça Mauá, foi calorosamente recepcionado por imensa multidão e duas bandas de música, dali se dirigindo ao Palácio Guanabara, escoltado pelos Dragões da Independência e sendo coberto por uma chuva de papel picado ao atravessar a Avenida Rio Branco. O cortejo seguiu pela Avenida Beira-Mar, Praça do Russel e dobrou na Rua Paissandu, a tradicional Rua das Palmeiras, para alcançar a Pinheiro Machado, onde fica o Palácio. Na Paissandu, onde moravam muitos nordestinos, dois gaiatos, com os dedos na boca, emitiram estridentes assobios, assim vaiando o monarca belga, em contraste com as manifestações de carinho dispensadas desde o desembarque.

Epitácio Pessoa, que vinha no segundo carro do cortejo, segundo mandava o protocolo, ao ouvir a assuada, cochichou ao ouvido de seu ajudante de ordens:

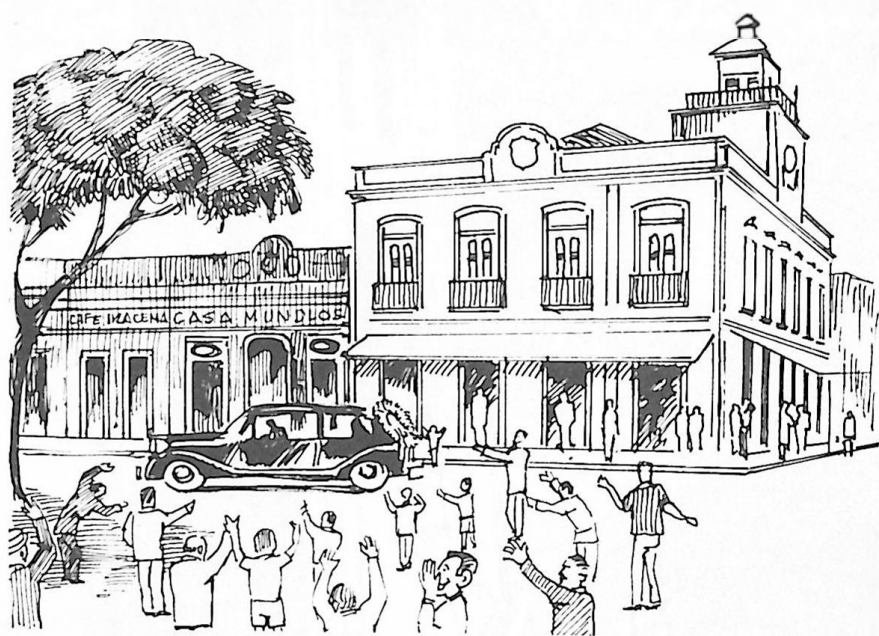
"Aposto que essa vaia é coisa de cearense".

E mandou que o fato fosse investigado. O ajudante de ordens retornou ao local dos assobios e constatou que os autores eram, de fato, dois cearenses, oriundos de Itapipoca.

Se aqui no Ceará nem o Sol nem caixão de defunto escapavam das vaias, por que haveria se ser poupado o Rei da Bélgica?"



Rubens de Azevedo reconstitui, no seu lápis mágico, a Vaia do Sol na Praça do Ferreira (dia 30 de janeiro de 1942).



A vaia do defunto, na Praça do Ferreira, vista pelo lápis de Rubens de Azevedo.

CAPÍTULO 8

Coreto da Praça do Ferreira - Tribuna popular dos grandes acontecimentos

O Prefeito Godofredo Maciel repetia, com assiduidade, que todos os acontecimentos políticos tinham origem na Praça do Ferreira. Ali se reunia a massa popular, realizando em cima dos bancos existentes todas as suas manifestações.

Diante disso, construiu o Coreto, no centro do logradouro que passou a realizar essas inúmeras manifestações, tornando-se, assim, o palco dos maiores acontecimentos históricos da cidade.

É no Coreto que, em 1930, Demócrito Rocha, vindo da Rotisserie, carregado nos braços do povo, anuncia, sob estrepitosos aplausos da multidão, a vitória da Revolução de 1930, e a fuga do Presidente Matos Peixoto.

Seguindo-se a Demócrito, discursaram, no Coreto, o Dr. Fernandes Távora, que acabava de sair da prisão; o Dr. Moraes Correia e o Dr. José de Borba Vasconcelos. Nos braços do povo foram eles conduzidos ao Palácio da Luz, onde o Dr. Távora assumiria o Governo, por aclamação popular, nomeando, em seguida, Moraes Correia e José de Borba, respectivamente, Secretário do Interior e Justiça e Chefe de Polícia.

Abro um parêntese para lembrar outro episódio:

No mesmo Coreto em que naquele momento falava ao povo, Demócrito reagira, nove meses antes, no dia 2 de fevereiro de 1930, quando aqui chegava a caravana política aliancista chefiada pelo Deputado Augusto de Lima, à voz de prisão dada pelo Tenente Francisco Caminha, ajudante de ordens do Chefe de Polícia Mozart Catunda, que pretendia impedir-lo de discursar. Mesmo sob a ameaça de um revólver gritara para Catunda:

"Você está em posição incompatível com a sua dignidade. Abandone este Governo nefasto e caia nos braços do povo".

No dia da vitória, 8 de outubro, Quintino Cunha faz veemente discurso, convida o povo para destruir os pilares da Avenida Washington Luiz, no fim do Benfica.

A multidão acompanhou Quintino Cunha, em delírio, até o Benfica, onde começava a Avenida Washington Luiz, derrubando as duas pilstras com o nome do ex-Presidente e colocando uma cartolina com os seguintes dizeres escritos à mão:

"Avenida João Pessoa, homenagem do povo cearense ao mártir do civismo nacional".

Mas aquele dia não foi o único de glória do Coreto. Muitos acontecimentos ali ocorriam antes e depois da gloriosa manifestação popular pela vitória da Revolução.

Renato Soldon, certa vez, abre um comício de protesto ao banho de fezes de que fora vítima o Prefeito de Juazeiro, Alfeu Ribeiro Aboim, como relatamos em outra parte deste livro. Aboim fora o único Prefeito do Ceará que tivera a coragem de negar ao Presidente Matos Peixoto o apoio à candidatura oficial de Júlio Prestes à Presidência da República. Esse gesto de altivez irritou os seguidores de Matos Peixoto que, às caladas da noite, quando Aboim transitava por uma das ruas de Juazeiro, lhe despejaram um pinico de fezes, banhando-o completamente.

Renato Soldon verberou veementemente o inominável incidente terminando por ler, sob o delírio da multidão, o telegrama que Aboim passara ao Chefe do Governo.

"Presidente Matos Peixoto, Palácio da Luz, Fortaleza. O Governo de merda de Vossa Excelência só merda pode oferecer aos adversários. Que a terra lhe seja leve.

Alfeu Ribeiro Aboim, Prefeito de Juazeiro".

Outro episódio pitoresco do não menos pitoresco José Levy, passou-se no Coreto.

Em 1928, realizou-se no Coreto um comício pró-candidatura do General Benjamin Barroso. Nesse tempo, o General concorria ao Senado da República, pelo Partido Democrata, com Francisco Sá, ex-Ministro da Viação do Governo de Arthur Bernardes e genro do velho Accioly, pertencente ao Partido Conservador.

José Levy participava do comício, como sempre, com um dos seus discursos bestialógicos. A certa altura, bradou:

"Povo cearense, votai no General Benjamin Barroso, o homem que soube colocar a honra acima dos seus preconceitos.

O outro vós sabeis quem é. É o tal das bandalheiras do IFOCS que fez enriquecer muita gente, através das compras de vales.

Fernando Pinto, alto comerciante, parente da esposa de Francisco Sá, que assistia ao comício, interrompe José Levy:

"- O orador pode declinar o nome do candidato que está concorrendo com Benjamin Barroso?"

José Levy não se deu por achado e prosseguiu nos elogios a Benjamin Barroso, quando foi novamente interpelado pelo comerciante Fernando Pinto:

"- O orador não declinou o nome do adversário do General Benjamin Barroso..."

José Levy não titubeou e lhe respondeu em altos brados:

"- Vossa Excelência está muito curioso para saber o nome do outro candidato, pois vá perguntar à puta que o pariu..."

Em 1933, o Prefeito Raimundo Girão demoliu o Coreto, alegando que o mesmo era coito de malandros, servindo, às vezes, até de mictório.



O Coreto da Praça do Ferreira, palco de emocionantes discursos políticos e tribuna livre do povo cearense, derrubado em 1933, pelo prefeito Raimundo Girão.

CAPÍTULO 9

A Coluna da Hora substitui o Coreto

Com a demolição do Coreto, em 1933, foi erguida, no centro da Praça, a Coluna da Hora, que passou a ser o cenário de todos os acontecimentos políticos e populares que ocorriam na cidade.

Ao ser restabelecida a ordem democrática, após a Rebelião de São Paulo, pois a partir do triunfo da Revolução de 1930, Getúlio Vargas, sob o título de Governo Provisório, implantara a ditadura, foi criado o Partido Social Democrático - PSD - de âmbito nacional.

Veio, então, a primeira eleição também de âmbito nacional para a instalação do Congresso Nacional e das Assembléias Legislativas Estaduais, o primeiro com a finalidade de promulgar a Constituição Federal e as segundas para elegerem os Governadores e também promulgarem as Constituições Estaduais.

À época da instalação dessa nova ordem governava o Estado do Ceará o Coronel Felipe Moreira Lima, nomeado com a finalidade precípua de preparar a eleição de Juarez Távora, um dos líderes do movimento de 1930, para Governador do Ceará.

Moreira Lima, homem de tendências nitidamente esquerdistas — verdadeiro contraste com o próprio Juarez, sabidamente conservador, cercou-se de um grupo de jovens impetuosos, entre os quais se destacava o então Capitão Moésia Rolim, um dos mais vibrantes oradores do seu tempo. Moésia Rolim que, juntamente com Jader de Carvalho, fundara O Combate, jornal verdadeiramente violento e agressivo, lançou-se candidato a Deputado à Constituinte Federal pelo PSD - Partido Social Democrático - nas eleições de 14 de outubro de 1934.

Num grande comício realizado na Coluna da Hora, Moésia Rolim pronunciou um dos mais ardorosos discursos, onde fez intempestivos ataques às autoridades federais, visando o Tribunal Regional Eleitoral, principalmente, o Desembargador Olívio Câmara, um dos mais respeitados magistrados do Ceará, que tinha sido Secretário do Interior e Justiça na Interventoria de Carneiro Mendonça, e se tornara conhecido, aliás, como eminência parda do Governo.

A certa altura bradou:

"- Olívio Câmara, tu não és Juiz. És a paródia dele".

Prosseguindo com outros impropérios do mesmo quilate.

O discurso foi gravado e publicado no jornal O Combate, como já dissemos, por ele dirigido, dele tomando conhecimento o General Góis Monteiro, Ministro da Guerra, que ordenou a prisão do Capitão Moésia Rolim por 30 dias.

Cumprida a pena no Quartel do 23º Batalhão de Caçadores, volta Moésia à Coluna da Hora, num comício de desagravo, discursando com a veemência de sempre. Atacou impiedosamente aos que batizou de reacionários e carcomidos da pátria velha, concluindo ameaçadoramente:

"- Ninguém se engane com a minha palidez. O sangue que corre nas minhas veias tem a cor das águas barrentas que esmagam galopando".

Vários são os episódios que marcaram a vida da Coluna da Hora. Todo grande acontecimento político ou popular foi ali comemorado.

Na Coluna da Hora, Jáder de Carvalho, carregado nos braços pelos alunos do Liceu do Ceará, foi transportado do Quartel do Corpo de Bombeiros, onde estava cumprindo a pena de 30 anos de prisão, imposta pelo famigerado Tribunal de Segurança Nacional, por ter pronunciado discurso na pirâmide de Stalingrado, erguida na praça da Escola Normal, considerado subversivo para a época. Jáder, chorando copiosamente, pronunciou comovente discurso, destacando, principalmente, a solidariedade e as visitas dos amigos, durante o período do seu encarceramento.

Durante a Grande Guerra, o Comitê Cearense de Libertação Democrática, presidido pelo Professor Euclides César, ali realizou vários comícios, sempre comemorando a vitória dos aliados. Nesses comícios, destacava-se, pelos seus discursos, o Dr. Fernando Leite, tribuno de grandes recursos oratórios.

Mas na Coluna da Hora havia também as manifestações pitorescas. A professora aposentada Dalila Simões, em ruidoso comício, lança sua candidatura a vereadora, precedida de grande foguetório e de aclamações. Dalila foi saudada por Walter Gaspar de Oliveira, que leu a sua plataforma: o que iria fazer se fosse eleita vereadora. A multidão, terminando o comício, conduziu Dalila nos braços, em volta da Praça, gritando freneticamente:

"- Queremos Dalila na Câmara Ardente..."

Outro episódio, pelo menos curioso, foi o comício do Marechal Eurico Gaspar Dutra, como candidato à Presidência da República, no ano de 1945.

Aimou-se, a cerca de 30 metros da Coluna da Hora, um improvisado coreto, onde se sucederam os vários oradores, todos, como era natural, da situação política dominante no Estado.

Ao agradecer, o Marechal Dutra, que jamais se destacaria como orador, a certa altura do seu discurso chamou o Ceará de terra das car-náu-bas, ao invés de terra das car-na-ú-bas.

As gargalhadas e risos, inclusive entre os seus correligionários mais graduados, foi geral.

No dia 08 de maio de 1945, quando o mundo inteiro comemorava o armistício, Madame Nena, proprietária da Pensão Nena (prostíbulo) e do Bar Alegria, veio para a Praça. A Pensão Nena ficava situada na Rua Barão do Rio Branco, vizinha à Tipografia Minerva. No andar térreo funcionava o Bar Alegria. Nena com as suas mulheres e um bando de boêmios comemoravam, no Bar e na Pensão propriamente dita, o grande acontecimento.

E logo se incorporaram à grande passeata marchando para a Praça do Ferreira, participando entusiasticamente da maior manifestação já realizada em torno da Coluna da Hora.

Ao pé da Coluna, Madame Nena, sob os mais estrepitosos aplausos, abre uma garrafa de champagne que, em sinal de regozijo, derrama sobre o povo.

Comemorando a vitória da tomada de Stalingrado, os componentes do Sindicato dos Trabalhadores Gráficos saíram de sua sede da Rua Major Facundo, perto do Passeio, em desfile pela mesma rua, vieram em passeata à Praça, onde fizeram tremular ao pé da Coluna da Hora a bandeira vermelha da Foice e do Martelo.

O acontecimento ocorreu numa manhã de domingo, falando, na ocasião, vários oradores, enaltecendo os feitos das tropas russas.

Com efeito, os russos avançaram sempre vitoriosamente no seu território, retomando, palmo a palmo, todas as suas posições, coroando os feitos com a batalha de Stalingrado que foi reconquistada casa a casa, dali avançando para a sua marcha triunfal até às portas de Berlim.

No dia 24 de dezembro de 1960, na administração do Prefeito General Cordeiro Neto, foi instalada, ao redor da Coluna, uma gigantesca lapinha, com um altar ao lado, devidamente ornamentado, onde foi celebrada, à meia-noite, a tradicional Missa do Galo.

Três bandas de música, a do Exército, da Marinha e da Polícia, tocaram em animada retreta que se estendeu das 07:00 horas até à meia-noite.

Um grande sino da Catedral, que estava sendo construída, colocou no jardim ao lado da Coluna, repicou festivamente na hora da Elevação, enquanto a Banda da Polícia executava o Hino Nacional.

Outro fato que se tornou tradição em toda a cidade foi a prisão do Rei Momo na Coluna da Hora, na manhã de Quarta-Feira de Cinzas. Às 05:00 horas daquele dia, os foliões do Clube Iracema, dos Diários e do Maguari, ali se reuniam com suas orquestras para a despedida dos três dias de folia.

Havia, inclusive, discursos jocosos e um banho de cinzas era despejado sobre os participantes da grande pagodeira. Eu, aliás, era um dos comandantes dessa brincadeira, jogando cinzas nos amigos e inimigos, todos irmandados na antecipada saudade do reinado de Sua Majestade, o Rei Momo.

Para avaliar-se o interesse da solenidade da prisão do Rei Momo na madrugada da Quarta-Feira de Cinzas, não vinham só os foliões, compareciam, também, pessoas graves, além de inúmeros curiosos.

Certa feita, coincidentemente com os dias de carnaval, os padres jesuítas realizavam no Convento e Igreja Cristo Rei, na Aldeota, um retiro fechado para médicos.

Pois bem, o humanitário e estimadíssimo Dr. Costa Araújo, uma das figuras mais queridas e acatadas de Fortaleza, não resistiu.

Fugiu, é bem o termo - do retiro onde se encontrava e veio para a Coluna da Hora misturar-se com o povo, vibrando de alegria e entusiasmo.

Para terminar aquela vibrante despedida do carnaval, as orquestras tocavam e os foliões cantavam em coro:

Quem parte leva saudades de alguém

Que fica chorando de dor

Por isso, não quero lembrar

Quando partiu meu grande amor

Ai! Ai! Ai! Ai!

Está chegando a hora

O dia já vem raiando, meu bem

Eu tenho que ir embora

Quem viveu a Fortaleza daquele tempo, vibrante e alegre, guarda uma eterna lembrança da Coluna da Hora com a sua beleza e o seu tradicional relógio de quatro faces que, parece, marcava aquelas horas de entusiasmo e vibração que não voltam mais.



A Coluna da Hora, palco de grandes acontecimentos, teve sua demolição iniciada em 05 de julho de 1967. O Prefeito Raimundo Girão, a pedido do Prefeito José Walter, deu a primeira picaretada: nascia o monstrengo em que se converteria a Praça do Ferreira.

CAPÍTULO 10

A Chacina Integralista — uma noite de pânico e terror

A noite carnavalesca de 4 de março de 1935 terminou em pânico e terror. É que pouco antes das 21:00 horas, quando a vibração chegava ao auge da alegria e animação, foi, selvagememente, interrompida por violento tiroteio. A Praça estava totalmente lotada por foliões e famílias de todas as camadas, quando irrompeu a fuzilaria em frente à Casa Amadeu, na Rua Major Facundo.

A confusão, para lembrar Machado de Assis, foi geral.

Aos primeiros disparos, tombou sem vida o Subinspetor da Guarda Civil Raimundo Correia Lima, que teve morte instantânea; o guarda civil de segunda classe Eldair Correia Lima, primo de Raimundo, foi gravemente ferido, morrendo ao chegar ao Hospital do Pronto Socorro. O guarda da Inspetoria de Veículos, Marcos Ribeiro de Magalhães foi, igualmente, vitimado. Como seu colega, faleceu ao chegar ao Pronto Socorro, em face dos graves ferimentos que o atingiram.

O pânico, como já acentuei, não teve limites. A multidão corria em todas as direções tangida pelo medo e pelo terror. Daí, como era de se esperar, várias pessoas ficaram feridas, inclusive, quatro guardas, os quais foram recolhidos ao Hospital do Pronto Socorro, além do Sargento Lourenço e do soldado João Nunes, que, feridos a bala, foram hospitalizados na enfermaria do 23º Batalhão de Caçadores. Mas não foram esses os únicos feridos. A grande maioria não procurou os hospitais, medicando-se em casa. Não queriam seus nomes envolvidos no triste acontecimento.

A verdade é que a chacina da Praça do Ferreira, naquela noite fatídica, não se deu por acaso. Foi premeditada, planejada em tudo, em todos os seus pormenores, como, posteriormente, se constatou.

A história, hoje, registra o fato como a Chacina Integralista, pois, como é sabido, na tarde daquela noite trágica desfilou no Corso Carnavalesco o Bloco Galinha Verde, organizado pelo Capitão Newton, da Polícia Militar, sabidamente esquerdista e grande adversário dos partidários do SIGMA. O satírico bloco saiu de uma alfaiataria localizada em velho sobrado da Rua Pará, hoje demolido, trazia, como símbolo, uma galinha de cerca de um metro, toda pintada de verde e portando, em cada asa, o símbolo integralista. Estavam dando cobertura ao Bloco Galinha Verde os inditosos militares barbaramente chacinados.

Durante o desfile, o Bloco, apesar do acinte, nada sofreu. Mas os que lhe deram cobertura ficaram, com efeito, marcados, tanto é assim que por cerca daquelas 09:00 horas fatais, eles se juntaram à multidão em plena Praça do Ferreira, participando despreocupadamente dos festejos mominos.

Os integralistas, então, sob o comando de conhecidos partidários, preparavam o revide, sendo vistos portando armas e se dirigindo à multidão.

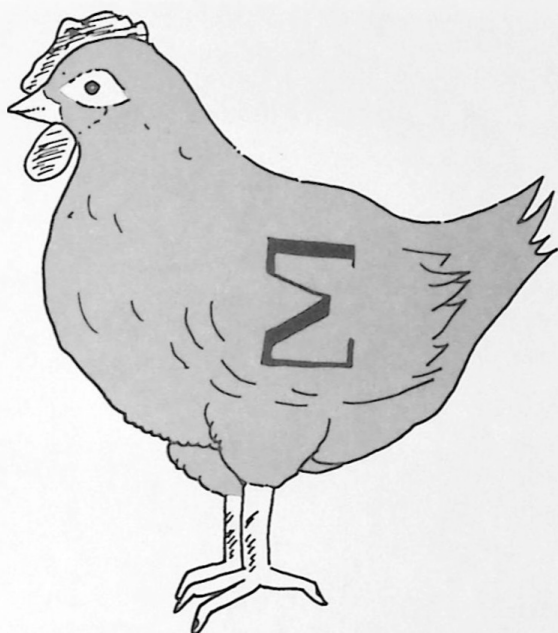
E mais do que isso, não tergiversaram em atirar no meio do povo, sem atentar para o pânico da multidão e os graves efeitos das vítimas que perderiam suas vidas.

A cidade inteira comentava os nomes dos promotores da chacina, mas o inquérito, o clássico "rigoroso inquérito", nada apurou.

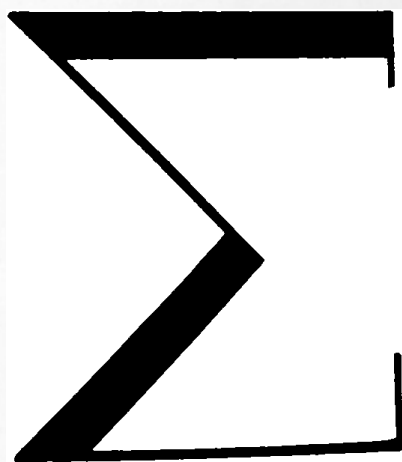
Fortaleza, no entanto, já havia julgado os autores do hediondo massacre. Compareceu em peso aos comoventes funerais das vítimas da hecatombe.

O enterro dos inditosos militares, que saiu do Quartel da Polícia Militar, na Praça José Bonifácio, foi acompanhado pelo Interventor Federal, Coronel Felipe Moreira Lima, pelo Coronel Colares Chaves, Comandante do 23º Batalhão de Caçadores, além de Secretários de Estado, de altas autoridades e de um cortejo de mais de duzentos carros com os seus holofotes acesos até o Cemitério de São João Batista.

O Interventor Felipe Moreira Lima, em longo telegrama ao Presidente Getúlio Vargas, narrou todos os detalhes da chacina.



Galinha Verde, criação do genial Aporeli para estigmatizar a figura do Integralista, cujo movimento, no Ceará, provocou a revoltante chacina da Praça do Ferreira, com três mortos e dezenas de feridos.



**O SIGMA DO TERROR
E DA MORTE**



O corpo do Subinspetor Raimundo Correia Lima, uma das vítimas da Chacina Integralista, quando era velado na sua residência.



O Interventor Felipe Moreira Lima, em longo telegrama ao Presidente Getúlio Vargas, narrou todos os detalhes da Chacina Integralista.

CAPÍTULO 11

Praça do Ferreira — A entrega da chave simbólica da cidade a Luizão 49

A Praça do Ferreira nunca viveu momentos de tanto esplendor como na noite do dia 20 de fevereiro de 1952, quando o Prefeito Paulo Cabral de Araújo entregou à Sua Majestade Luizão 49 a chave simbólica da cidade. A Praça estava feericamente iluminada e duas bandas de música, a do 23º Batalhão de Caçadores e da Polícia Militar, animavam a multidão que se aglomerava naquele logradouro.

Nada menos que doze blocos carnavalescos dançavam, pulavam e animavam a velha e tradicional Praça.

No palanque, armado em frente à Coluna da Hora, o Prefeito Paulo Cabral, grande orador, discursa entregando a Luizão 49 a chave simbólica da cidade.

Coube ao Profeta da Cova, Daniel Carneiro Job, Secretário Real de Sua Majestade, agradecer ao Prefeito o gesto simbólico e saudar os foliões cearenses que ali compareceram.

Terminada a solenidade da entrega da Chave Simbólica, a multidão e todos os blocos carnavalescos, numa intensa vibração, seguiram para o Palácio da Luz. Ali os esperavam o Governador Raul Barbosa, o General Edgardino de Azevedo Pita, Comandante da 10ª Região, Secretários de Estado, destacando-se o Coronel Aldenor Maia, Secretário da Segurança Pública e muitas outras autoridades.

Da sacada do Palácio, o Profeta da Cova, Daniel Carneiro Job, Secretário Real, saudou o Governador Raul Barbosa, em nome dos foliões alencarinos.

Após, no Salão Nobre do Palácio da Luz, realizou-se um vibrante coquetel, oferecido pelo Governador Raul Barbosa a Luizão 49 e sua Corte.

Cabe, aqui, um depoimento pessoal: sentimentalista inveterado, senti vontade de chorar ao relembrar esses dias de alegria que, sem dúvida, jamais voltarão.



O Prefeito Paulo Cabral de Araújo discursando no Palanque da Praça do Ferreira, fazendo a entrega da Chave Simbólica da Cidade, a Luizão 49, Rei Momo do Carnaval Cearense. (20 de fevereiro de 1952).



1. Daniel Carneiro Job - Secretário Real de Luizão 49; 2. Paulo Cabral de Araújo - Prefeito Municipal; 3. Luizão 49 - Rei Momo; 4. Coronel Aldenor Maia - Secretário de Segurança Pública; 5. Antônio Pontes Tavares - Chefe da Polícia Secreta do Reinado da Folia.



Da sacada do Palácio da Luz, ao lado do Governador Raul Barbosa e do Comandante da 10a. Região Militar, General Edgardino de Azevedo Pita, o Profeta da Cova, Daniel Carneiro Job, saúda o Governador, em nome dos foliões. (20 de fevereiro de 1952).



O Profeta da Cova, Secretário Real de Sua Majestade Luizão 49, Daniel Carneiro Job, quando agradecia ao Prefeito Paulo Cabral e saudava os foliões da Terra da Luz. (20 de fevereiro de 1952).



1. General Edgardino de Azevedo Pita - Comandante da 10a. Região Militar; 2. Coronel Aldenor Maia - Secretário de Segurança Pública; 3. Governador Raul Barbosa; 4. Daniel Carneiro Job - Secretário Real; 5. Luizão 49 - Rei Momo; 6. Stênio Gomes da Silva - Vice-Governador; 7. Paulo Cabral - Prefeito Municipal. Salão Nobre do Palácio da Luz, por ocasião do coquetel oferecido pelo Governador Raul Barbosa a Luizão 49 e sua Corte. (20 de fevereiro de 1952).

CAPÍTULO 12

Confeitaria Crystal — A prisão do professor Leiria de Andrade

No dia 11 de junho de 1930, foi assassinado o jornalista Antônio Drummond, na redação do seu jornal A Gazeta de Notícias, à Rua Barão do Rio Branco, 128, pelo Juiz Municipal Virgílio Gomes.

O acontecimento teve a maior repercussão nos meios políticos, intelectuais e sociais de todo o Estado.

O processo do crime que vitimou Drummond foi ultimado antes da Revolução de 1930, sendo, então, apontado como um dos co-autores, o conhecido advogado Dr. Manuel Leiria de Andrade, Professor da Faculdade de Direito.

O Dr. Leiria de Andrade foi indiciado como co-autor por ter trazido da sua Fazenda São Jerônimo, em Guaiuba, um dos autores do crime, Antônio Clementino, vulgo Antônio Tina, que já era sentenciado por crime anterior e servia, na qualidade de detento, na fazenda do Professor Leiria. Segundo o processo, Leiria o havia trazido a Fortaleza, dando-lhe um revólver e no dia do crime trazendo-o no seu automóvel às proximidades da Praça do Ferreira, quando o apresentou a Virgílio Gomes para que o levasse à redação de A Gazeta de Notícias, local onde foi cometida a tragédia.

No corpo de delito procedido na vítima Antônio Drummond constatarem-se orifícios de balas de dois calibres, o que provaria a existência de dois autores. O processo correu rápido. Seis dias depois, ou seja, no dia 17 de junho, foi decretada, em sentença do Juiz Pêricles Ribeiro, a prisão preventiva do Juiz Virgílio Gomes. Ultimado o processo, foram despronunciados Antônio Tina, que acompanhou Virgílio Gomes na sua triste empreitada, bem como o indigitado co-autor Dr. Leiria de Andrade.

Com a Revolução de 1930, o então interventor Fernandes Távora mandou reabrir o processo, designando o Juiz de Direito de Senador Pompeu, Dr. Daniel Lopes, para presidir-lo. Em face dos depoimentos apurados nesse novo processo, foram, então pronunciados como co-autores os já citados Antônio Tina e o Professor Manuel Leiria de Andrade.

O então Juiz Municipal, Dr. Luís Gonzaga Alves Bezerra, baseado no novo inquérito, pronunciou e decretou a prisão dos dois acusados.

A prisão de Leiria de Andrade, como era natural, criou um clima de intensa emotividade na cidade inteira, dado o renome e o conceito que ele desfrutava em nossa Capital de renomado advogado e grande Professor da Faculdade de Direito.

No dia 2 de fevereiro de 1932, o oficial de Justiça Pedro Ribeiro Falcão, ao comunicar que estava de posse de um mandado de prisão contra ele, o Dr. Leiria solicitou que a prisão só se efetuasse no

dia seguinte, 3 de fevereiro, às 16:00 horas, na Confeitaria Crystal (a Confeitaria Crystal ficava onde hoje é a Casa Milano, na Rua Major Facundo, vizinha à Loja Samasa), de onde ele saíria preso acompanhado dos seus discípulos da Faculdade de Direito, de amigos e admiradores.

Com efeito, atendido no seu pedido, à hora marcada, o Oficial de Justiça fez a entrega do mandado de prisão e saiu com ele rumo à Casa de Detenção, acompanhado de uma compacta massa de alunos e admiradores que lá se encontravam.

O grande cortejo, acompanhando o Professor Leiria de Andrade, saiu da Confeitaria Crystal pela Rua Major Facundo, dobrando na Rua Castro e Silva, seguindo pela Rua Senador Pompeu até a Rua Senador Jaguaribe, onde se situava a Casa de Detenção, hoje a central de artesanato do Estado, antiga Emcetur.

Dias depois, foi transferido o Professor Leiria, na qualidade de detento de curso superior, para o Quartel Central da Polícia Militar, na Praça José Bonifácio, onde permaneceu detido até o dia 5 de abril, quando respondeu júri e foi unanimemente absolvido.

Na velha Intendência, onde funcionava o Forum, realizou-se a sessão do júri popular. Atuaram na defesa o Professor Gustavo Braga e o advogado e jornalista Jáder de Carvalho.

A acusação, além do promotor Hélio Caracas, que meses antes havia pedido o arquivamento do processo, teve como coadjuvante o Dr. Kerginaldo Cavalcanti, grande tribuno e companheiro de Drummond na Gazeta de Notícias.

Os trabalhos de julgamento, começados por volta das 13:30 horas, do dia 05 de abril, prolongaram-se até a madrugada.

Os debates, como era natural, foram acirradíssimos, tendo o Professor Leiria, em defesa própria e na qualidade de jurista, ocupado a Tribuna por duas vezes, falando mais de duas horas.

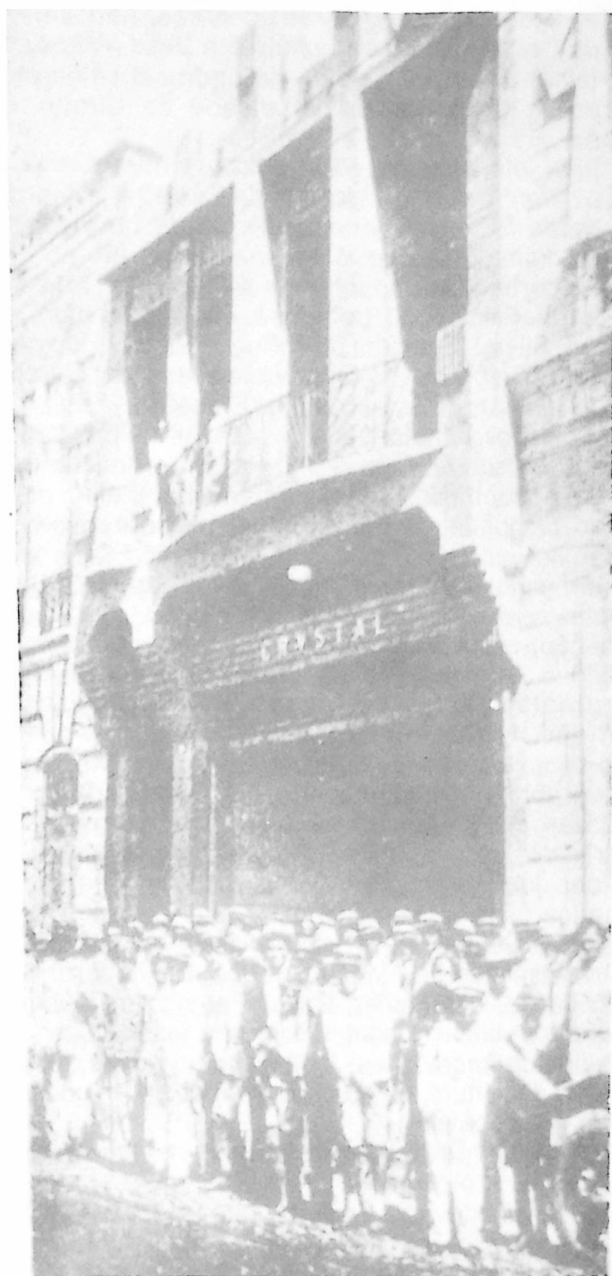
Terminados os debates, como de praxe, foi evacuado o Auditório e o Conselho de Sentença que estava, assim, constituído: João Alves Moreira, Dr. Raimundo de Alencar Araripe, Dr. Gilberto Câmara, José Bruno de Miranda, Nilo Xavier, Oscar Bastos de Oliveira e Joaquim Viana Albano, por unanimidade, absolveu o acusado.

O Dr. Leiria de Andrade, em face da unanimidade, recebeu incontinenti o alvará de soltura, sendo carregado pelos amigos que o cumprimentavam e ovacionavam.

Tempo depois, o Dr. Leiria de Andrade mudou-se para o Rio de Janeiro.

Com a ascensão de Agamenon Magalhães ao Ministério do Trabalho, foi nomeado Assessor Jurídico desse Ministério.

O Professor Leiria de Andrade não voltaria mais ao Ceará, falecendo no Rio de Janeiro.



Acadêmicos de Direito, estudantes, amigos e admiradores do Professor Leiria de Andrade, na Confeitaria Crystal, minutos antes de conduzi-lo à prisão. (3 de fevereiro de 1932).

CAPÍTULO 13

Agressão ao jornalista Demócrito Rocha – Os oficiais da Polícia que provocaram a façanha se fotografaram no Photo Salles

Demócrito Rocha foi um dos mais bravos jornalistas do Ceará. Nascido na Bahia e funcionário dos Correios e Telégrafos, aqui se radicou definitivamente, constituindo família e, após fecunda atividade na imprensa oposicionista, principalmente em O Ceará, valente vespertino de Júlio de Matos Ibiapina, terminou por fundar O POVO no dia 7 de janeiro de 1926, ainda hoje o mais tradicional e conceituado jornal de Fortaleza.

Demócrito, na sua sessão intitulada Nota, não poupava o desmando e a violência do Governo do Desembargador Moreira. Por isso, viria a sofrer brutal e covarde atentado promovido por oficiais da Polícia Militar.

Eram 17:00 horas do dia 01 de junho de 1927, na Rua Major Facundo, 403 (hoje 377), em frente à Livraria Moraes, onde está situada a Casa Bicho, a menos de 60 metros da Praça do Ferreira, quando 12 oficiais da Polícia Militar cercam Demócrito e numa fúria selvagem, o atacam com rebenques, murros e pontapés. Da cabeça do jornalista corre sangue em borbotões. O povo tenta socorrê-lo, mas os atacantes mantêm a multidão à distância sob a mira dos seus revólveres.

Naquele instante, Demócrito transformava-se em mártir do civismo cearense.

Terminado o massacre, os 12 oficiais foram fotografar-se no então Photo Salles para documentar a gloriosa proeza de haverem atacado um homem indefeso. Queriam eles comprovar o seu feito ao então Presidente Moreirinha (Desembargador José Moreirada Rocha).

A brutal agressão provocou uma onda de protestos por toda a cidade. Uma multidão que se aglomerou em frente ao edifício onde se deu o triste evento conduziu Demócrito ensanguentado para sua residência, na Rua Major Facundo. Ali, falaram Djacir Menezes, Moésia Rolim, Coronel Francisco Holanda e muitos outros oradores que se revesaram até a madrugada.

O quartirão onde se localizava a residência de Demócrito converteu-se em QG da reação cearense.

O governo Moreirinha estremeceu naquela noite. Houve pânico e a cavalaria patrulhou os quartirões próximos à casa de Demócrito. Menor não foi a reação nacional. O Senador Tomaz Rodrigues, do Partido Democrata do Ceará, verberou o fato da Tribuna do Senado. A Associação Brasileira de Imprensa, a famosa ABI, protestou junto ao Governo do Estado, o mesmo fazendo a Associação Cearense de Imprensa. O Centro Clóvis Beviláqua, da Faculdade de Direito,

manteve-se em reunião permanente e denunciou o atentado a todo o País, através de telegramas. Professores e estudantes da Faculdade de Odontologia (Demócrito era cirurgião dentista) fizeram virgília em sua residência. A Fênix Caxeiral, através do seu Presidente Júlio Rodrigues, publicou nota de solidariedade e de protesto junto ao Governo de Moreirinha.

Os oficiais que se fotografaram no Photo Salles foram, excetuando-se quatro que não conseguimos identificar, os seguintes: José Bezerra, Chefe do Grupo; Abelardo Rodrigues; José Galdino; Furtado Leite; Antônio Pereira; Bruno; César Borges e Luiz Antônio.



Photo Salles, situado na Rua Major Facundo, vizinho ao Cine-Moderno, onde os oficiais agressores de Demócrito Rocha se fotografaram para documentar o seu "glorioso" feito.

CAPÍTULO 14

Restaurante Frota — um episódio de severidade inexplicável nos dias de hoje

O Restaurante Frota, localizado na Rua Pedro Borges, 32, frente para a Praça do Ferreira, atualmente com o número 209, era, como a Rotisserie, um dos mais finos de Fortaleza, e primava pelo asseio com as suas toalhas de linho e os seus serviços de porcelana e seus talheres de prata.

No salão amplo, com os seus grandes ventiladores de teto, destacavam-se, igualmente, o mobiliário e os seus cabides de estilo francês, onde os clientes depositavam seus chapéus e bengalas, peças fundamentais na indumentária daquele tempo. A especialidade da casa era fígado acebolado, preferido pela maioria dos fregueses. Servia-se, também, uma meiota (meia garrafa) de vinho por 1\$200 (mil e duzentos réis) na moeda da época.

Ali se realizavam constantemente grandes jantares oferecidos a pessoas da alta sociedade. Lembro-me, como se fosse hoje, de um jantar, em 1934, a que compareci na qualidade de representante de A Rua, jornal no qual trabalhava, oferecido ao conhecido e humanitário médico, Dr. Amadeu Furtado, de saudosa memória. O prato principal foi peru à brasileira.

Era proprietário do Restaurante Frota o Sr. Pedro Frota, homem austero e de moral exacerbada. Presenciei, certa vez, como frequentador daquele Restaurante, saboreando aos sábados o já citado fígado acebolado e a meiota, uma cena hoje inexplicável.

O Dr. Luiz Nogueira, advogado, ex-tabelião público já aposentado, segundo comentava-se na época, era dado à prática de sexo oral. Pois bem, certa noite esse tabelião entrou no Restaurante, coloca o chapéu e a bengala no cabide, senta-se a uma mesa. Ao consultar o menu, dele se aproxima o Sr. Pedro Frota e em voz alta bradou:

"- Retire-se do meu Restaurantê. Aqui não se serve a babujador de ventres prostituídos..."

Nos dias correntes o Restaurante do Sr. Pedro Frota, por certo iria à falência. As novas gerações já se gabam e assumem a responsabilidade da prática desse sexo. Acrescentam, inclusive, que se trata de uma peregrinação piedosa ao lugar em que se nasceu.

Ô tempora, o mores.



O Restaurante Frota, localizado na Praça do Ferreira (Rua Pedro Borges, 32, antigo, e 209 atual).

CAPÍTULO 15

Um edifício histórico — o prédio da velha Intendência

O prédio da velha Intendência Municipal, situado no pequeno quarteirão entre as Ruas Floriano Peixoto e Major Facundo, mais tarde demolida na administração do Prefeito Municipal Acrísio Moreira da Rocha, para construção do Abrigo Central, tantas vezes citado neste livro, abrigava o Fórum da Capital. Destacava-se, ali, o relógio público da cidade que marcava o tempo com as badaladas sonoras de antigo e bem afinado sino. Por ele a cidade inteira acertava os seus horários. O sino possuía uma singularidade. Após um minuto do toque de cada hora e meia, repetia as badaladas como se visasse a advertir a pontualidade dos habitantes da Capital. Comércio, repartições, escolas, enfim, a vida que circundava a Praça, guiava-se pelo tradicional relógio.

Era no Fórum que se realizavam as sessões do júri popular. Muitos dos julgamentos foram ali realizados. Mas, cito apenas dois, pela importância do crime e dos vultos nele implicados. Porque, na verdade, o crime foi apenas um, mas dois os julgamentos.

No dia 25 de setembro de 1930, foi o julgamento do Juiz Municipal, Dr. Virgílio Gomes, assassino do jornalista Antônio Drummond, diretor do jornal oposicionista A Gazeta de Notícias, crime ocorrido no dia 11 de junho de 1930 e que teve a mais alta repercussão na sociedade cearense.

A sessão do júri iniciou-se às 13:30 horas daquele dia, sob a Presidência do Juiz Gabriel Cavalcanti. A defesa esteve a cargo dos renomados advogados professores Gomes de Matos e Olavo Oliveira e a acusação a cargo dos advogados Kerginaldo Cavalcanti e Alonso Memória.

O Conselho de Sentença ficou, assim, constituído: Neri Camelo, Emídio Luz, Clóvis Ramos, Edmundo Falcão, João Gaspar, Leonel Chaves e José Castelar Pinheiro.

Depois dos debates, já pela madrugada, foi proclamada a sentença. O Juiz Virgílio Gomes saiu condenado a 29 anos e 9 meses de prisão.

Contraindo tuberculose na cadeia, Virgílio Gomes não cumpriu a sentença por inteiro, vindo a falecer, em dezembro de 1932, num sítio em Maranguape, onde se encontrava confinado em prisão domiciliar.

O crime, como se narra em dois outros capítulos, teve a maior repercussão em todo o Estado. Pois, além de envolver duas altas figuras da vida social e política da cidade - o jornalista Antônio Drummond e o Juiz Virgílio Gomes - nele também fora indiciado o Professor de Direito Dr. Leiria de Andrade, apontado como co-autor, porém, despronunciado.

Com a vitória da Revolução de 1930, como se conta no capítulo respectivo, foi reaberto o processo, sendo, então, novamente pronunciado como co-autor o Professor Leiria.

No dia 5 de abril de 1932, foi a Juri o Professor Leiria de Andrade, em um dos mais sensacionais julgamentos já ocorridos em Fortaleza.

A sessão do júri foi presidida pelo Dr. Eugênio Avelar Cavalcanti Rocha, atuando na acusação o Promotor Dr. Hélio Caracas e o Dr. Kerginaldo Cavalcanti. A defesa esteve a cargo do Professor Dr. Gustavo Braga e do jornalista e advogado Jáder de Carvalho, além do próprio acusado que, eminente jurista, ocupou a tribuna por mais de duas horas.

O Conselho de Sentença ficou assim constituído: João Alves Moreira, Dr. Raimundo de Alencar Araripe, jornalista Gilberto Câmara, José Bruno de Miranda, Nilo Xavier, Oscar Bastos de Oliveira e Joaquim Viana Albano.

Absolvido por unanimidade de votos, o Professor Leiria de Andrade foi carregado pelos seus discípulos da Faculdade de Direito e pelos seus inúmeros amigos que o cumprimentavam e ovacionavam.



O antigo prédio da Intendência, onde funcionava o Tribunal Popular do Júri. Neste prédio ocorreram os julgamentos do Dr. Virgílio Gomes, então Juiz Municipal e do Professor de Direito Dr. Leiria de Andrade.

CAPÍTULO 16

Na Praça do Ferreira nasceram os irmãos Emídio

Os irmãos gêmeos José e Estêvão Emídio de Castro foram, ao seu tempo, figuras das mais conhecidas e estimadas da sociedade cearense. Sempre elegantemente vestidos de branco, extremamente corteses, se distinguiam pela elegância no vestir e pela fidalguia no trato.

Nascidos no dia 28 de julho de 1901, no sobrado à Rua Major Facundo, 484, onde funciona hoje o Banco Mercantil do Brasil, e onde funcionaram as famosas Lojas Sloper e Flama, também conhecido pelo Sobradinho da Gruta, por ser vizinho do Restaurante do mesmo nome, eram filhos do comerciante Joaquim Emídio e Galdina Simões de Castro.

Os irmãos Emídio, ambos já falecidos, eram casados. José com Alba Anúzia Magalhães de Castro e Estêvão com Terezinha Soares de Castro, tendo o primeiro deixado cinco filhos e o segundo seis. Ambos contabilistas, dedicaram-se ao comércio. Além da firma Emídio & Irmão, Representações e Conta Própria, foram proprietários dos Cafés Emídio, Sport e Comerciais, todos na Praça do Ferreira.

Árbitros da elegância do seu tempo, eram, também, virtuosos do piano, José ficou, igualmente, conhecido como compositor, tendo várias valsas e muitas partituras, entre as quais se destacavam Sombras, tocada pela primeira vez no Clube dos Diários, por uma Orquestra de 72 figurantes, sob a regência do Maestro Silva Novo, abrindo um Baile de Gala, onde todos compareceram trajando casaca e cartola. São, ainda de José, as partituras da melodia Rancho, Linda Garota e o Fox-Trot Teus Olhos Iluminam Minha Vida, em homenagem à sua esposa.

Da sua autoria a música Café Pequeno, gravada pelo pianista Alufcio Pinto, foi executada em vários concertos, em Fortaleza e no Palácio Ingá, sede do governo estadual, na cidade de Niterói, antiga capital do Estado do Rio de Janeiro.

Estêvão, embora não se destacasse como compositor, era exímio virtuoso do teclado. Bastantemente conhecido e aplaudido, tocava com frequência nas reuniões sociais, sob os maiores aplausos dos seus ouvintes.

José faleceu no dia 21 de abril de 1991, com quase 90 anos. Estêvão, em 03 de julho de 1984, com 84 anos incompletos.

Recordo-me, com saudade, que sempre que os encontrava juntos na Praça do Ferreira, os cumprimentava exclamando:

“- Como vão esses árbitros inconfundíveis da elegância masculina ?”.

E recebia um caloroso abraço de ambos.



O sobrado da Rua Major Facundo (Praça do Ferreira), onde nasceram os irmãos José e Estêvão Emídio de Castro.



Os irmãos gêmeos José e Estêvão Emídio de Castro, inconfundíveis árbitros da elegância masculina de Fortaleza do seu tempo.

CAPÍTULO 17

Filho de Mané Onça não leva desaforo para casa

Em fins de 1939, chegava a Fortaleza, vindo do Rio de Janeiro, após pleno êxito na amputação de uma de suas pernas, o Deputado Manuel Moreira da Rocha.

Aquele parlamentar foi recebido na Ponte Metálica, pelo Presidente Matos Peixoto, sendo acompanhado à sua residência, na Rua Barão do Rio Branco, por um cortejo de mais de 300 automóveis.

Na noite desse dia, a Praça do Ferreira foi feericamente iluminada, sendo colocado um letreiro de lâmpadas coloridas com os dizeres: Salve Moreira da Rocha, no fim da Praça com a Rua Pedro Borges.

A iluminação seguia pela Rua Major Facundo, dobrando a Rua Liberato Barroso e se estendendo, pela Rua Barão do Rio Branco, onde se situava o Palacete de residência do Deputado Moreira da Rocha, até a antiga Rua São Bernardo, hoje Pedro Pereira.

A fachada do Palacete estava, também, feericamente iluminada e ornada com corbeles de flores, palmas de coqueiros e ficus-benjamins.

A banda de música da Polícia Militar tocava dobrados, enquanto o Deputado Moreira da Rocha, da varanda do Palacete, apoiado na sua perna postiça, saudava os manifestantes.

A certa altura, quando era maior a animação, por cerca das 9 horas da noite, há uma espécie de pânico, fazendo a multidão correr ao local para verificar o ocorrido.

Era o irrequieto e intrépido garoto Pequim - Péricles Moreira da Rocha - que tinha derrubado outro garoto, como ele, de 12 anos de idade, e o estava esbofeteando.

O Deputado Moreira da Rocha, que da varanda viu o movimento, só veio a tomar conhecimento do fato depois do acontecido.

Verifica-se que já, naquela época, o filho de Manoel Onça não levava desaforo para casa.

Péricles Moreira da Rocha foi Delegado da Ordem Política e Social, Deputado Estadual, por várias legislaturas, havendo ocupado a Presidência da Assembléia.

O apelido de Mané Onça, dado ao Deputado Moreira da Rocha, era um título de respeito. Nunca teve caráter de deboche. Era o reconhecimento de sua bravura, reforçado pelo forte pigarro que tinha e que, às vezes, parecia o esturro de uma onça.



Péricles Moreira da Rocha (Pequim)

CAPÍTULO 18

O Bromil cearense

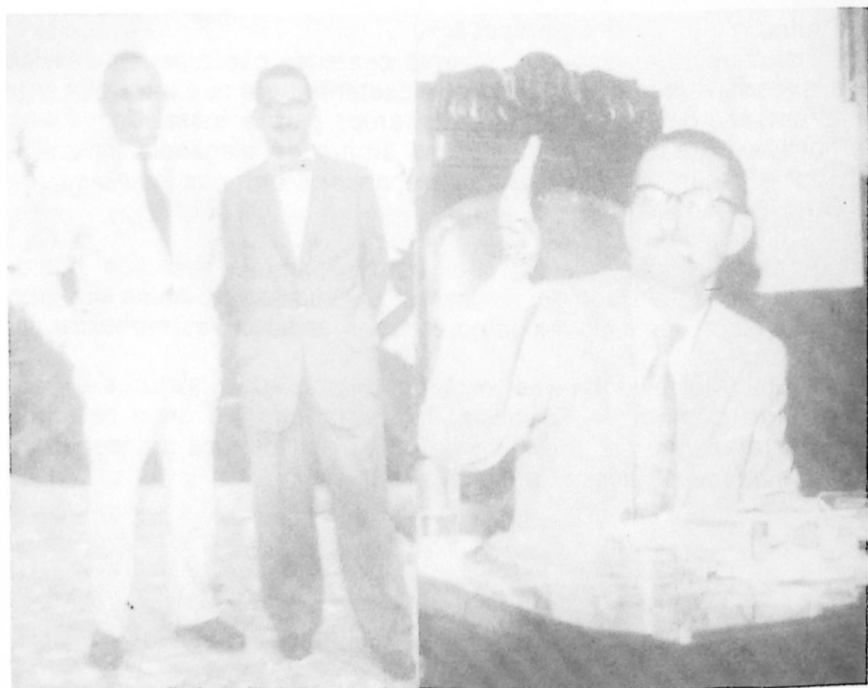
O Cine-Moderno, então o mais grã-fino da cidade, resolveu instituir um concurso para a escolha do homem mais elegante que frequentava suas sessões.

A escolha, feita através de urnas colocadas no salão de entrada do cinema, recaiu no jovem Alufcio de Castro Correia, filho de tradicional família, e que se destacava pela elegância da vestimenta e seu trato fidalgo. Vestia-se impecavelmente de calças, colete, paletó, ora de linho branco inglês, ora de paletó azul marinho e calça de flanelas, muito usados na época.

Proclamado o vencedor, a verve cearense não o poupou. Alufcio era excessivamente franzino. Foi o bastante para que o fortalezense o chamasse de Bromil, o afamado xarope para a tosse. Com efeito, lembrava o Lcrid Brummel, famoso árbitro da elegância masculina da corte britânica do seu tempo, e conhecido entre os ingleses como o Belo Brummel.

Após a eleição, Alufcio, que também primava pelo bom humor, recebeu em solenidade promovida às 15:00 horas no Cinema Moderno, a faixa de Bromil do Moderno, sob os aplausos estrepitosos dos seus fãs.

Alufcio Correia viria a ser vereador por quatro legislaturas e Presidente da Câmara de Fortaleza, falecendo com 73 anos de idade, em Fortaleza no dia 7 de abril de 1985, deixando uma grande lacuna na sociedade de nossa Capital.



O General Cordeiro Neto, Prefeito de Fortaleza, ao lado do Vereador Aluísio Correia presidindo uma sessão da Câmara Municipal.

CAPÍTULO 19

Rachel de Queiroz — candidata a deputada estadual

No dia 29 de dezembro de 1934, às 10:00 horas, na Coluna da Hora, foi realizado um gigantesco comício para lançamento da candidatura de Rachel de Queiroz a Deputada da Constituinte Estadual, pelo Partido Socialista Brasileiro.

Iniciou o comício o Professor Moacir Caminha, Presidente daquele Partido, seguindo-se com as palavras o bancário Nodje Holanda, Otto Ramos de Oliveira, o Sargento do Exército José de Queiroz Baima, jornalista Daniel Carneiro Job, e por último, agradecendo, a candidata Rachel de Queiroz.

O comício, que foi bastante animado, contou, ainda, com grande distribuição de boletins e intenso foguetório.



A escritora Rachel de Queiroz teve a sua candidatura a Deputada Estadual pelo Partido Socialista Brasileiro lançada na Coluna da Hora, no dia 29 de dezembro de 1934.

CAPÍTULO 20

A agência de revistas e jornais de José Edésio

Um Aprazível Recanto de Inteligência e Cultura

Um dos pontos mais aprazíveis da Praça do Ferreira era, sem dúvida, a agência de jornais e revistas de José Edésio de Albuquerque. Ficava situada no antigo quarteirão da Intendência Municipal, hoje demolido, vizinha à Casa Mundlos.

Revolucionário idealista, era socialista convicto. Pertenceu a várias organizações políticas de sentido socialista, das quais podemos citar: Legião 5 de Julho, Aliança Liberal, Aliança Libertadora. Venerava Luís Carlos Prestes que se tornou um ídolo na sua vida, desde a marcha através dos sertões, após o movimento armado de 1924.

Um homem simples, inteligente, extremamente afável. Um homem bom e de caráter. Não obstante, pagaria caro pelo seu idealismo. Esteve preso várias vezes, recolhido na Casa de Detenção, como detento comum, já que não possuía diploma de curso superior.

Amava, sobretudo, o seu ofício de livreiro. Era correspondente de várias revistas, publicações, jornais, não só de Fortaleza, como do restante do Brasil e até do Exterior. Todas as revistas e publicações que circulavam no seu tempo, quase sem exceção, tiveram José Edésio de Albuquerque como seu representante em Fortaleza.

Este fato, por si mesmo, explicaria a frequência da sua loja. Era ponto de encontro de políticos, jornalistas, intelectuais, estudantes, que ali demoravam na consulta às publicações e jornais, fontes perenes de informações e notícias.

José Edésio era, ele mesmo, uma criatura cordial e extremamente simpática. Gostava de política nacional e estrangeira, e gostava das letras.

A sua lojinha não se limitava à exposição de revistas, livros, jornais e as mais diversificações. Era ornamentada por retratos e por pequenos quadros, contendo versos, pensamentos, frases célebres.

Revolucionário desde os dias históricos dos 18 do Forte de Copacabana, as paredes da Agência Edésio exibiam as fotografias de Luís Carlos Prestes, com as suas grandes barbas, Juarez Távora, Siqueira Campos, João Pessoa, Getúlio Vargas. Era, por assim dizer, a própria Revolução de 1930.

Frequêntador daquele pequeno, mas paradoxalmente, vasto cenário do pensamento brasileiro, guardo na memória aquelas fisionomias, bem como alguns dos versos que ali se expunham.

Recordo-me, muito bem, do quadro com esta estrofe de Quintino Cunha:

"Na história da teimosia
Entre a rudeza e a arrogância,
E tão forte a ignorância,
Tão cruenta e tão mendaz,
Que a própria sabedoria
De tudo sabendo tanto,
Não pode saber do quanto
Um ignorante é capaz".

Havia, inclusive, quadrinhas sentimentais como essa de Bruno Celecino:

"Quem do meu peito saiu
Suspirando e dando ais
Não venha com piedade
Quem saiu não entra mais."

Não eram apenas essas. Expunham-se várias outras dentro desse espírito de mordacidade ou sentimentalismo.

Destacava-se, por sua vez, um quadrinho com um pensamento de Smith Palermo:

"Rafeiros há que ladram, mas não mordem. Evitemos dar-lhes com os pés por higiene".

Com a demolição do quarteirão da velha Intendência, a Agência de jornais e revistas José Edésio transferiu-se para a Rua Guilherme Rocha, 183, no quarteirão da Casa Parente, local onde ainda hoje se encontra.

Após algum tempo, passou a denominar-se Livraria e Papelaria Edésio.

A memória de José Edésio de Albuquerque ficou, assim, preservada, na lembrança dos inúmeros amigos que ele deixou em toda a cidade de Fortaleza, e presente na admiração das novas gerações.

CAPÍTULO 21

Crônica de Demócrito Rocha-verdadeiramente antológica

Este livro sobre a Praça do Ferreira presta uma homenagem especial ao jornalista Demócrito Rocha, transcrevendo a sua antológica crônica sobre a rolinha vitimada num bombardeio simulado ao tempo da Segunda Grande Guerra.

Demócrito, com a sua privilegiada sensibilidade, descreve a tragédia através de um autêntico poema em que enaltece com a morte de uma rolinha, a dignidade humana.

A crônica, como é natural, alcançou, no seu tempo, a maior repercussão, convertendo-se em mais uma emocionante história da nossa querida cidade.



"Comentava-se ontem à tarde, na Praça do Ferreira, a morte da rolinha cujo ninho, engastado em um ramo de ficus-benjamin, fora alcançado por uma bomba.

Às horas claras das manhãs e às sombras amenas das tardes, as duas avezinhas, familiares aos freqüentadores dos bancos da Praça, lá estavam, a passear no mosaico, com o passinho marcado ao compasso de um pizzicato, os peitinhos arfantes, as cabecinhas faceiras, os pés muito limpos, calçados de cores vivas, a plumagem de seda cor de café com leite a vestir-lhes as asas e uma gola de pintura chinesa a cobrir-lhes o colo arqueado e elegante.

Indiferentes aos transeuntes, as duas rolinhas nada temiam, porque a doçura de seus semblantes havia realizado o milagre de neutralizar a maldade das crianças e amainar a ferocidade dos moleques, desses rapazes que vivem a apedrejar as árvores e a perseguir os pássaros.

Passeavam, passeavam, ao rez do chão, andando como os outros mortais e, às vezes, quando tinham pressa ou alguém delas muito se aproximava, batiam as asas em vôos curtos e pendentes.

Havia, entre os homens, até aqueles que, ao saírem de casa para a Praça, não se esqueciam de levar arroz ou migalhas para as duas rolinhas amigas.

Quando aparecia algum estranho pelo jardim, todos os olhares o policiavam. E, ao ouvi-lo exclamar, cheio de espanto e cobiça, o seu grito de guerra: - Duas rolinhas! - vozes enérgicas se faziam ouvir:

- Psiu! Nas rolinhas, ninguém bole!

Ontem, pela manhã, a rolinha - a esposa - encontrava-se deitada ao ninho, em uma vergõntea da árvore em que ambos dormiam. O esposo devia andar ali por perto.

Foi quando começou o exercício de defesa passiva anti-aérea e os aviões começaram a voar, oferecendo, às autoridades da Defesa, uma oportunidade para conhecerem as aptidões da população, diante de um caso concreto de ataque.

Bombas caíam sobre pontos vitais e veículos de experiência, enquanto os serviços se desenvolviam em toda a sua rapidez e plenitude.

Eis que, de repente, um estilhaço alcança o ramo do ficus e - que horror! destrói o ninho e atira ao solo o corpo inerte da inocente rolinha.

Quando as sirenes anunciaram que o perigo havia passado, os habitantes correram às ruas e populares cercavam o cadáver da

avezinha - a primeira vida cearense vítima de um ataque aéreo, em terra do Ceará.

Essa pobre avesita pertencia à espécie colombina que, nos tempos bíblicos, forneceu o mensageiro da Paz de Deus com os homens, o mesmo que levou ao patriarca Noé, após o Dilúvio, o ramo de oliveira, penho da reconciliação do Criador com a criatura.

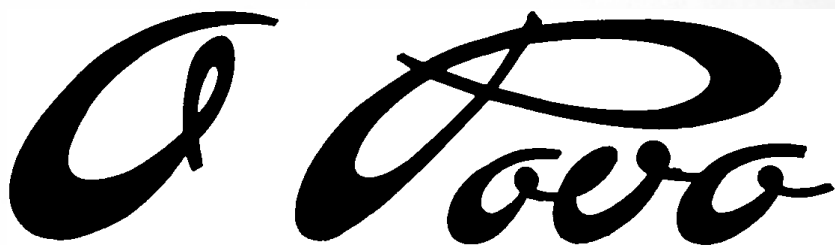
Em toda a escala dos seres alados naturais, nenhum outro sobrepuja o palumbus em suas virtudes, em sua mansidão, em seu afeto. Na face da terra, os pombos desempenham o papel edificante de uma nação abençoada, que só possui um desejo: o de viver em paz, desconhecendo o ódio e cultivando o amor.

A guerra moderna, na sua obliterada crueldade, não escolhe a quem ferir e os seus rudes golpes tanto podem atingir e matar o soldado como o civil, o homem como a mulher, o ancião como a criança. A bomba mortífera pode cair num teatro ou num hospital, num leito de pecado ou na cela de uma freira, na enxerga de um condenado ou no berço de um recém-nascido.

A rolinha da Praça do Ferreira era um símbolo. Símbolo de bondade, do amor conjugal e da incansável maternidade, essas peregrinas virtudes que são o apanágio da mulher cearense. Sua trágica morte está a indicar-nos dolorosamente o que é a guerra, em sua fúria desalmada.

Não faltou, pois, ao exercício de ontem, até esse episódio emocionante da mais crua e pungente realidade.

Pobre rolinha, que arrulhavas canções de tristezas ao por do Sol, quando as sombras do crepúsculo cobriam a cidade com o seu manto escuro, pobre rolinha modesta e boa, que morreste descuidada, quando sonhavas um sonho feliz, aquecendo com o calor das tuas penas os frutos do teu amor - pobre rolinha inocente e desgraçada, a tua morte foi a mesma de milhares de esposas e mães humanas, envolvidas com os seus filhinhos, nesse turbilhão infernal de fogo e sangue em que um homem - um só - mergulhou a Humanidade".



Fortaleza, 16 de dezembro de 1942

CAPÍTULO 22

A reinauguração da Praça do Ferreira, o acontecimento mais marcante deste final de século. Mais de 30 mil pessoas aplaudem freneticamente o Prefeito Juraci Magalhães, idealizador da feliz iniciativa

Ao longo deste trabalho, tive oportunidade de demonstrar, cabal e historicamente, que a Praça do Ferreira constituiu-se, através dos tempos, no coração da cidade de Fortaleza. E sendo Fortaleza o espelho vivo de todos os fatos notáveis ocorridos no Estado, a Praça, como o povo a batizou carinhosamente, era, em síntese, o coração do próprio Ceará.

Na verdade, tudo que aconteceu em Fortaleza e no Ceará avultou-se, imortalizou-se na Praça do Ferreira.

Ultimamente, porém, a Praça sofreu um período de indiscutível decadência, notadamente depois da malfada reforma feita pelo Prefeito José Walter Cavalcante. Não foi apenas a ordem natural da expansão da cidade, com a conseqüente deslocação de grande parte do seu comércio para o Bairro da Aldeota, para a Avenida Beira-Mar e para a Praia do Futuro, a responsável única pela sua decadência. A malfadada reforma roubou-lhe as características tradicionais, o seu encantamento.

É a Praça que tão bem lembrava o verso de Castro Alves: "a praça é do povo como o céu é do Condor" - feneceu. Praticamente morreu.

A então Praça principal de Fortaleza, desde a sua instauração ao tempo do velho Intendente Boticário Ferreira - Antônio Rodrigues Ferreira - que lhe daria o nome, consagrando-o para a posteridade, passaria por várias reformas.

Em 1902, o Prefeito Guilherme Rocha, conservando os quiosques que havia nas quatro esquinas, cerca de gradil a sua parte central e a arboriza em larga escala.

Em 1920, Godofredo Maciel, assumindo a Prefeitura, manda derrubar os quiosques, deixando apenas um pertencente à Light, mosaicou os passeios, conservando a arborização.

Em 1925, ainda Godofredo Maciel, mandou construir o famoso Coreto.

Em 1933-1934, o Prefeito Raimundo Girão manda demolir o Coreto, erguendo no seu lugar a não menos famosa Coluna da Hora.

Em 1941, na gestão do Prefeito Raimundo Alencar Araripe, a Praça foi reformada com a abertura de duas alamedas, para escoamento de carros e uma nova iluminação com postes de cimento armado.

Em 1946, na administração do Prefeito Acrísio Moreira da Rocha, é demolido o trecho da Travessa Pará, onde se localizava a Intendência

Municipal, construindo-se, no seu lugar, o Abrigo Central.

Em todas essas reformas, a Praça permaneceria, na sua integridade, com o seu aspecto e suas características principais.

Em 1968-1969 veio a triste reforma do Prefeito José Walter Cavalcante. Não foi uma reforma, propriamente dita. Foi uma demolição. Nascia uma nova concepção de praça que não encontrava similar nem na tradição, nem nas raízes históricas da cidade. O povo não a aprovou. E logo batizou-a de monstrengo.

Não quero, evidentemente, comentar o assunto. Ele é demais polêmico e por certo não foi esta a intenção, faça-se justiça, do Prefeito e dos arquitetos que a inspiraram.

A verdade, todavia, é que a reforma José Walter marcou o início da decadência - não é exagero, e da morte da antiga Praça do Ferreira.

O coração da cidade como que parou. O centro, reminiscência viva dos seus grandes movimentos populares: comércios, passeatas, festejos, com efeito, morreu. Converteu-se, o que é mais triste, num centro de desocupados, invadida à noite por vagabundos, mendigos, prostitutas, gays. Andar pela Praça que, antigamente, era uma diversão, um prazer, converteu-se num perigo, numa temeridade.

Finalmente surgiu o Prefeito Juraci Vieira Magalhães, sem sombra de dúvida, um administrador modelar que está devolvendo a beleza, o encanto, a vida e o bem-estar à nossa querida cidade de Fortaleza.

A presença da sua administração se espalha por todos os recantos: pelos bairros chiques e aristocráticos, pelos subúrbios, pelas praças e avenidas, pelas ruas mais distantes e obscuras.

Não se preocupou o Prefeito Juraci Vieira Magalhães apenas com as grandes obras, com os melhoramentos suntuosos.

Por isso, é sem propósito que abro um parêntese neste livro para destacar as obras de vulto que o Prefeito Juraci Vieira Magalhães está realizando.

Além da restauração das principais praças e logradouros da cidade - Passeio Público, a antiga Praça da Sé, Praça do Carmo, a Praça General Tibúrcio e tantas outras; além da restauração do asfalto e do calçamento na cidade inteira; além da vigorosa limpeza pública instaurada na sua administração - Fortaleza é hoje considerada a cidade mais limpa do Brasil - além da restauração da iluminação nas praças e nas ruas, além da ordem e do trabalho contínuo que o consagrou como um dos principais prefeitos do País, há as obras de grande vulto, entre as quais destacamos os dois grandes viadutos em construção: da Av. Desembargador Moreira, que a liga com Av. Pontes Vieira e o segundo que liga as avenidas 13 de Maio com a Aguanambi. Ainda por cima, encontra-se em construção o edifício de oito andares da Assistência Municipal (Instituto Dr. José Frota), o que virá a ser um dos mais modernos hospitais do Nordeste do País.

Foi, por tudo isso, um acontecimento inédito na vida de Fortaleza nos últimos anos, a solene inauguração da nova Praça de Fortaleza, ocorrida na noite de 20 de dezembro do ano de 1991, provocou um verdadeiro delírio na cidade: mais de 30.000 pessoas foram à Praça aplaudir e agradecer ao Prefeito.

Realmente, para a velha e querida cidade de Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção foi uma noite, além de festiva, uma página realmente histórica na cidade. É que o povo recebeu a iniciativa do prefeito de Fortaleza, Dr. Juraci Vieira Magalhães, como o maior prêmio que lhe poderia ser oferecido ao fim deste século.

Desde que foi exposta a maquete dos jovens arquitetos Fausto Nilo e Delberg Ponce De Leon o povo não apenas aprovou, mas aplaudiu-a carinhosamente.

Era, sem dúvida, a volta da velha Praça: plana, ampla, larga, com os seus passeios, seus bancos, suas árvores.

E, conseqüentemente, sua sombra amiga e acolhedora. As novas árvores que agora a cercam lhe devolverão os pássaros de antigamente e do mar correrá livre a brisa, refrigerante e amiga.

Noite de magnificência e esplendor, evidentemente..

Mas muito mais do que isso: noite que estava marcada no tempo, transformando-se, pela sua beleza e plenitude, numa verdadeira ressurreição.

A tradição será, por certo, restaurada. Aparecerão os cafés. Os bancos converter-se-ão em ponto de encontro como no passado, para longas palestras e leitura dos jornais.

E para coroar todo esse esplendor, a Coluna da Hora, com as suas quatro faces, marcando as horas de cada dia na sua marcha para a eternidade, marcha do homem da cidade e do Ceará que hoje e amanhã, haverá de homenagear o Prefeito Juraci Vieira Magalhães e sua fecunda administração.



Prefeito Juraci Vieira Magalhães que, ouvindo os anseios da população de Fortaleza, teve a bravura de restaurar a Praça do Ferreira, reinaugurando-a sob os aplausos frenéticos de mais de 30 mil fortalezenses na noite magnífica de 20 de dezembro de 1991.



Espetáculo de rara beleza: a reinauguração da Praça do Ferreira na noite de 20 de dezembro de 1991. Um sonho do povo de Fortaleza que se torna esplêndida realidade.



Mais de 30.000 pessoas lotaram a Praça do Ferreira na noite de 20 de dezembro de 1991, quando, após a sua restauração, foi entregue na graça e beleza da sua tradição.



Maquete da reforma da Praça do Ferreira promovida pelo Prefeito Juraci Magalhães. Destacam-se, no seu conjunto, a farta arborização e a Coluna da Hora (em novo estilo). A Praça do Ferreira volta à sua antiga beleza. Muita luz, muita paz. Na fotografia destaca-se o Prefeito Juraci Magalhães, ao lado dos arquitetos Fausto Nilo e Delberg Ponce De Leon, autores do projeto.

ALEGRIA DÁ PRAÇA

*Letra e Música: DILSON PINHEIRO E
AMARO PINA*

Alegria da praça
É a menina que passa
É o centro de novo
Com seu jeito gostoso
A conversa de graça
É um olhar caprichoso

Alegria da praça
Nosso encontro é prazer
E ficar sempre
Pertinho de você
O coração
Feliz a cantar

Nova Fortaleza
A praça é do povo
O Centro
É de quem vier

Hino composto em homenagem à nova Praça do Ferreira.



Livro do autor, publicado em 1986, com duas edições completamente esgotadas.

DO AUTOR

Revivendo o Passado - Homens e Fatos que a História nem Sempre Registra.

Editora Banco do Nordeste - 1986

Em 97 Anos de República o Ceará teve 67 Governadores

Imprensa Oficial do Ceará - 1986

Síntese dos Fatos que Ocorreram Num Século de República

Editora Banco do Nordeste - 1989

FICHA TÉCNICA

- **ARTE FINAL:** ARTE LASER - Tel.: 251.1309
- **REVISÃO:** Franzê de Lima
- **COMPOSIÇÃO:** Fabiano Pinho Pessoa
- **IMPRESSÃO:** Gráfica Encaixe Ltda. - Tels.: 252.2431 e 231.9930



Job, Daniel Carneiro
Praça do Ferreira: o inédito



0000012784

Praça do Ferreira - O Inédito, o Sério e o Pitoresco, ora lançado à publicidade, pelo jornalista Daniel Carneiro Job, reviverá episódios e narrará fatos que irão servir de valiosos subsídios para os estudiosos da nossa tradicional Praça do Ferreira, que ontem, hoje e amanhã será, incontestavelmente, o coração desta cidade de Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção.

Antônio Martins Filho